

Remédios novos e usados A obra da Ditadura na Madeira

Não sabemos bem porquê, mas quando acabámos ontem de ler a exposição do sr. general Vicente de Freitas, assaltou-nos o pensamento a imagem do caso medico-cirurgico que o sr. Pereira da Rosa, ilustre director do *Seculo*, relatou, ha dias, no seu jornal.

O sr. Pereira da Rosa salvou-se graças a uma intervenção cirurgica, destinada a evitar que os alimentos continuassem a passar pelo duodeno, onde provocavam hemorragias; o nosso País salvou-se graças a uma intervenção feita por um professor de Coimbra, que conseguiu, por um conjunto de medidas, transformar um País profundamente doente, cronicamente doente, num País sadio, num País novo, num País sadio e forte.

O sr. general José Vicente de Freitas diz na sua exposição que «é totalmente inutil impor a uma Nação uma lei», «que contrarie a sua maneira de ser, os seus habitos, as suas tendências»; quer dizer, mesmo que os habitos sejam maus, que a sua maneira de ser seja prejudicial, é necessario «não contrariar», é necessario conservar o que ha, «as suas tradições», regulamentando-as quando muito.

O sr. general Vicente de Freitas se fosse clinico, se fosse cirurgião, regulamentava o transito dos alimentos no duodeno, colocava-lhe um policia sinaleiro á entrada com a indicação de não contrariar os habitos, as tradições, a maneira de ser do duodeno e naturalmente depois admirava-se de que o doente morresse.

Não lhe queria impor o tratamento necessario; não queria, nem quer, impor á Nação o tratamento necessario, a lei necessaria, a constituição indispensavel.

Em Portugal verificou-se de facto que havia uma má circulação; que se fazia mal um certo transito; que havia uma ferida oculta que provocava hemorragias sem fim, que provocava perdas de sangue indispensavel ao progresso dos Estados e das Nações.

A intervenção feita ainda não está terminada; tomaram-se varias providencias; fizeram-se varias terapias; o doente hoje está quasi curado, mas é necessario que continue, no futuro, a seguir um determinado regime, que continue a regular-se segundo determinadas leis, e que gundo determinados principios,

não volte ao regime antigo, que o ia liquidando, que o ia matando.

O sr. general Freitas parece no entanto não estar convencido disso; parece que acha possivel voltar-se atrás; tenta «encontrar uma fórmula, que respeitando em absoluto o principio democratico do Governo da Nação pela Nação» ponha «em equação o problema da organização entre nós dum regime politico estável e equilibrado», sem ser preciso «sacrificar as liberdades individuais ou de pensamento».

Pretende o antigo presidente do Ministerio da Ditadura que se «organize um Estado» «cuja força e estabilidade tornem impossivel a desordem, tanto nas ruas como na administração» não permitindo «nunca mais que o interesse colectivo seja sacrificado aos interesses dos grupos e das facções».

Esta concepção do Estado-policial, com «disposições regulamentares, cujas bases fariam parte da propria Constituição», «obrigariam os deputados a respeitar, e a tornar respeitavel a assembleia por eles formada», e «procurariam por todas as formas, e nos limites do possivel, prevenir os vicios de funcionamento das nossas antigas assembleias politicas» é lamentavelmente ingenua, profundamente banal, colossalmente antiquada.

Depois duma tão longa e erudita exposição em que se mostra perfeitamente o que o senhor general Freitas pensa da obra até hoje realizada, aparece uma solução ultra-simples, uma solução «com disposições regulamentares que evitarão os erros e os vicios do passado», surge uma panacea, uma solução com posturas que não são municipais, mas que são policiais, e principalmente ultra-banal.

O Governo não «pretende impor á Nação uma lei»; o Governo pretende que a Nação aprove a Nova Constituição, que é por assim dizer o nosso código social e politico do futuro; que dota o País com remedios novos para os seus males, que vêm de longe, e que não têm origem propria, e na falta de inteligencia dos homens mas sim na falta de bom senso, de senso de equilibrio, de senso pratico que os faça adoptar no momento oportuno remedios novos abandonando os usados.

A. DE SOUSA GOMES

Aditamento ás «Cronicas de viagem» de João Ameal

Havia escrito, há alguns dias já, estas palavras de amigo e admirador de João Ameal: — «Tenho lido as suas «Cronicas de Viagem» com olhos de coração madeirense; felicito-o pelo bem que soube ver, sentir e traduzir as belezas da terra, mar e ceus, vida e espirito, da querida e mul portuguesa Ilha Atlantica. Andava ela perdida na distancia brumosa do Oceano como nau desgarrada do pensamento tutelar do Infante: para mais perto do coração da Patria comum a trouxe, descobrindo-a, a magia das suas palavras. Quasi a desconheciam os portugueses de Portugal e, talvez, mal a reconhecessem no seu carinho os madeirenses. A todos levou aviso de despertar a sua arte suggestiva de escrita nacionalista. Os ceus e a terra madeirenses são resumo e complemento dos ceus e das terras de Portugal, distintos destes apenas naquella *sensibilité particuliere* que, segundo Barrés, caracteriza a idiossincrasia propria de cada região dentro do sistema unitario da corografia nacional. Assim nos aparece a Ilha, real e verdadeira, nas suas «Cronicas». Todavia, há pequenos nada de informação

incompleta que, não prejudicando o conjunto, creio merecerem ligeiro esclarecimento. E' ainda aquella *sensibilité particuliere* que o exige. João Ameal supõe que os irmãos Francos, escultor e pintor, justamente considerados artistas plasticos, illustres entre os mais illustres de Portugal, não nasceram na Madeira. E' uma suposição infundada. Os Francos são madeirenses. Nasceram no Funchal, e julgo até que na casa onde ainda hoje reside. Outra «informação incompleta» respeita á obra da Ditadura na Madeira. A enumeração feita dos melhoramentos realizados desde 1926 até agora deve ser acrescentada, e por duas razões: — a primeira, para que a justiça se estenda a todas as autoridades, corpos e corporações administrativas que serviram e servem sob e em nome da Ditadura no Distrito; a segunda, para se avaliar com aproximado rigor da importancia politica, social e economica do arquipélago povoado por cerca de 200.000 habitantes.

Em 1926 encontravam-se abertas as estradas de rodagem do Funchal a S. Vicente e do Funchal a Machico — abertas mas intransitaveis por falta de calçamento. Esta obra fora iniciada pouco depois da implantação da Republica e custeada com o produto dum emprestimo de 700 contos contraído pela Junta Geral. Em 16 anos, a administração dos partidos pouco mais fez. De 1926 por diante, em pouco mais de 6 anos, as comissões administrativas nomeadas pela Ditadura, fizeram o calçamento, desfizeram curvas abertas e alguns desniveis mais dificeis, construíram pontes e moinhos, em quasi todo o percurso das referidas estradas, ligaram estas com o Santo da Serra, Camacha, Ribeiro Frio, Canhas e Ponta Delgada. A estrada do Ribeiro Frio está sendo continuada para Santana, a de Machico para o Porto da Cruz e a dos Canhas para o Porto Moniz. Outras ligações com a rede principal, como as dos Marmeleiros e do Bom Sucesso, estão já concluidas ou em vias de conclusão. Do Polso pode-se já descer ao Santo da Serra pela estrada aberta pelos serviços de reabrorização das serras. Iniciou-se a Avenida Oeste, no Bairro dos Ilhéus, melhoramento muito discutido, exactamente por aqueles que antes de 1926, sempre o apresentavam como numero obrigatorio dos seus programas eleicoes. Tornou-se transitavel a antiga estrada distrital entre a Ponta do Sol e o Jardim do Mar. Em matéria de estradas, esta é, nas suas linhas gerais, a obra da Junta Geral, em parte auxiliada pelas Camaras, como a de Santa Cruz que, neste particular, tem dado bom exemplo de actividade administrativa, sobretudo, no cuidado posto em interessar as populações nestes trabalhos publicos.

Quem é da Madeira ou a conhece compreende o valor destes melhoramentos, o seu custo que se eleva a dezenas de milhoes de contos, o desenvolvimento economico que eles fomentam, as grandes dificuldades de topografia e outras de interesse e intriga local a vencer. O problema das estradas foi, e continuará sendo um dos mais importantes e reclamados da Madeira. O do turismo está, em parte, dependente da sua resolução definitiva.

Mas não acaba aqui a obra

da Ditadura na Ilha. A propria Junta Geral, com o alargamento da autonomia administrativa que lhe foi concedido a partir de 1928, mantém, a seu cargo, a maioria dos serviços distritais: assistencia, sanidade, policia, instrução primaria e secundaria, inspecção pecuária e agricola, levadas, portos, etc. Com a concessão de subsídios e fornecimento de tubagem ás Camaras rurais, conseguiu-se construir marcos fontenarios e abastecer de agua potavel as populações de quasi todas as freguesias. Construiu-se um caes na vizinha Ilha do Porto Santo. Iniciou-se a obra importantissima da reabrorização das serras, estando já plantadas muitas dezenas de milhares de arvores das antigas espécies regionais. Aumentou-se o numero de escolas, fornecendo á maioria material didatico.

No capitulo da assistencia, uma visita ao Hospital dos Marmeleiros, ás Casas de Saude do Trapiche e Camara Pestana e aos Asilos de Mendicidade e Orfãos e dos Velinhos seria bastante elucidativa do progresso dessas instituições que devem a sua prosperidade e desenvolvimento aos auxilios e protecção dispensados, pelos Governos da Ditadura e á boa vontade, zelo, inteligencia, espirito de sacrificio e honestidade cristã das pessoas que têm estado e estão encarregadas da sua difícil administração. Talvez em nenhuma parte do País haja serviços tão proficiente e economicamente montados e geridos como estes. O Hospital dos Marmeleiros é de criação recente e com ele se re-

O sr. ministro da Instrução

ofereceu ontem um almoço ao catedratico espanhol Blás Cabrera

Realizou-se ontem no Estoril o almoço oferecido pelo ilustre ministro da Instrução, sr. dr. Gustavo Cordeiro Ramos ao sr. Embaixador de Espanha e ao catedratico Blás Cabrera que veio representar o Governo espanhol na inauguração do Instituto de Espanha em Lisboa.

Na mesa, artisticamente ornamentada com flores e bandeiras dos dois países ibericos, tomaram lugar os srs. dr. Gustavo Ramos, tendo á sua direita os srs. Blás Cabrera, José de Figueiredo, presidente da Sociedade das Belas Artes; reitor da Universidade de Lisboa; Oliveira Guimarães, inspector geral do Ensino Particular; Simões Raposo da Junta de Educação Nacional e Falcão Machado, professor dos liceus; e á sua esquerda os srs. D. Angel de la Mora, ministro plenipotenciario de Espanha; engenheiro Nobre Quedes, director do Ensino Tecnico; Joaquim Castilho, secretario da legação; dr. Vitor Lemos, director da Faculdade de Letras; em frente do sr. ministro da Instrução sentava-se o sr. D. Juan Rocha, digno Embaixador de Espanha, tendo á sua direita os srs. dr. Julio Dantas, presidente da Academia de Ciencias; La Casa, da Embaixada de Espanha, dr. Braga Paixão, director do Ensino Primario; director da Faculdade de Medicina; Joaquim Leitão, secretario da Academia de Ciencias e Armando Cordeiro Ramos, chefe do gabinete do sr. ministro da Instrução; e á sua esquerda, o sr. dr. Monteiro de Barros, director do Ensino Superior; D. Wollad, alcaide de

(Segue na 2.ª página)

NOTAS SOLTAS

CONTRASTE

Tem-se dito muito mal da nossa Imprensa revirahista. E, na verdade, a sua pobreza de ideias e monotonia com que insiste na propaganda de doutrinas já falidas ha muito tempo — justificam todas as severidades. E' raro valer a pena ler esses inofensivos jornais da liberal-democracia, que representam, apenas, um pequeno grupo saudosista e inerte.

...Mas não ha regra sem excepção. Agora, por exemplo, a Imprensa revirahista consegue tornar-se bastante divertida. Anda furiosa com a subida de Hitler ao Poder, na Alemanha — e radiante com a subida de Daladier ao Poder, em França. E as suas epigramas, os seus comentarios, as suas profecias, a proposito de ambos os acontecimentos, constituem, de facto, um espectáculo saboroso...

Não é para esta secção uma análise minuciosa do caso alemão e do caso francês. E nada nos custa achar natural que os nossos revirahistas antipatizem com o Governo das direitas formado por Hitler — e aplaudam o Governo das esquerdas formado por Daladier.

Só queremos sublinhar — porque é, sem duvida, engraçado — a indignação com que se referem ás medidas nazis contra a liberdade de Imprensa. Saem dos catxotins os mais vistosos normandos para fulminar as violencias inadmissiveis da Ditadura nacional-socialista. A Alemanha é apontada já como nação-mártir, onde — Santo Deus! — o pensamento está amoraaçado, e a tirania campeia...

E, no entanto, outra Ditadura, mascarada de democracia, exerceu, muito perto de nós, violencias semelhantes ás de Hitler, ou ainda piores. Dezenas de jornais foram suspensos. Outros, assaltados. Outros obrigados a submeter-se.

Então, a nossa Imprensa revirahista bateu palmas — e declarou que a Espanha ia a caminho da Emancipação e do Progresso...

GIL DE ROMA

Presidente da Republica

Continua experimentando sensiveis melhoras o venerando Chefe do Estado.

S. Ex.ª foi ontem visitado pelo sr. Presidente do Ministerio.

Em Verin celebrou-se um «Te-Deum» em acção de graças

CHAVES, 12. (Pelo telefone) — Com a assistencia das autoridades civis e militares das cidades de Chaves e Vila Real realizam-se hoje na vizinha vila de Verin imponentes cerimoniais religiosas em acção de graças pelas melhoras do venerando Presidente da Republica Portuguesa.

O nosso consul de Portugal, sr. Tomaz Rocha Santos, mandou celebrar um solene «Te-Deum» a que assistiram muitos habitantes daquella concelho.

As autoridades espanholas foram gentilissimas para com os portugueses, trocando-se expressivas saudações entre as quais se destacaram as dos srs. governador civil de Vila Real e alcaide de Verin.

Após a visita ao «Ayuntamiento», realizou-se um banquete.

O povo victorioso entusiasticamente Portugal, os srs. General Carmona, dr. Oliveira Salazar e o povo trasmontano vizinho e irmão. — C.

Engenheiro Ferreira de Mesquita

Após quarenta anos de serviço na C. P., vinte dos quais como director geral, acaba de pedir a aposentação desse cargo o sr. engenheiro João de Fontes Ferreira de Mesquita.

Os seus setenta anos ainda vigorosos, foram sempre de trabalho e zelo, sendo notaveis os serviços que prestou á C. P. onde, com rara competencia e honestidade, soube cumprir a sua fatigante e ardua missão, durante a qual, vezes sem numero, a sua inteligencia superior e a sua inalteravel disciplina, firmemente se demonstraram.

Na central

Página do Porto

Este numero foi visado — pela — Comissão de Censura

Na «Casa do Algarve»

Foi uma bela lição de regionalismo, do mais puro regionalismo algarvio, a conferência que sob o título «Como eu conheço o Algarve», ontem realizou no salão de festas do respectivo gremio a distinta escritora dr.^a D. Candida Florinda Ferreira, diplomada com o curso de Ciências Histórico-Geográficas pela Faculdade de Letras da Universidade.

Constituída a mesa, sob a presidência do sr. dr. Estanislau de Almeida,



A dr.^a Candida Florinda Ferreira lendo a sua brilhante conferência de ontem, na «Casa do Algarve»

representante do «Gremio Alentejano» secretariado pelas sr.^{as} professora D. Idalina de Azinheira Pral e D. Beatriz Arnut, o 1.^o secretario da «Casa do Algarve», sr. tenente Mateus Moreno, fez a apresentação da conferente, exaltando a sua vasta cultura e especiais virtudes de trabalho. Sendo-lhe seguidamente dada a palavra, a dr.^a D. Candida Florinda Ferreira procedeu á leitura do seu admirável trabalho, em que focou o Algarve sob os aspectos historico, e social, pitoresco e folclórico, tendo no fim recebido nova calorosa manifestação de simpatia da selecta e numerosa assistência.

Na proxima «Página do Algarve», de 6.^a feira, serão publicados, na integra tanto o discurso de apresentação do nosso camarada e 1.^o secretario da «Casa do Algarve», sr. tenente Mateus Moreno, como o formoso trabalho da sr.^a D. Candida Florinda Ferreira.

solveu um problema que se vinha ventilando e arrastando sem solução, há algumas dezenas de anos.

A actividade administrativa das Camaras tem sido extraordinaria, podendo mencionar-se como fora do vulgar a das Camaras da Ribeira Brava, Ponta do Sol e Santa Cruz. A Camara do Funchal tem em curso a obra do saneamento da cidade, na qual gastará 7.000 contos.

Resolvida a grave questão do Porto do Funchal pelo Governo da Ditadura, a Junta Autónoma logo empreendeu a construção do prolongamento do caes da entrada da cidade e espera, dentro de pouco tempo, pôr a concurso a empreitada do alongamento para leste, do molhe da Pontinha, obra orçada em cerca de 32.000 contos.

A «obra da Ditadura» ainda se estende a outros departamentos, devendo referir-se a protecção excepcional dispensada á industria dos bordados, a resolução do problema sacarina e do alcoolismo e da industria do turismo, as facilidades concedidas á navegação, o estabelecimento do crédito hipotecário pela Caixa Geral, os empréstimos á Santa Casa da Misericórdia, Junta Geral e Camaras, em importância superior a 22.000 contos, etc.

Poderia alongar esta resumida resenha dos factos que, na Madeira, caracterizam visivelmente a acção da Ditadura, mas o pouco que aqui fica, basta para testemunhar os beneficios duma administração que por si mesma se impõe, sem necessidade de adjectivos, a pesar de não faltarem detractores profissionais empenhados em apoucar-lhe o valor. Creio ter, deste modo, completado as informações colhidas e transmitidas por João Ameal.

Depois disto escrito, vi a notícia de se ter constituído uma comissão de jornalistas continentais com o fim de promover, em Portugal, justa e calorosa propaganda das belezas da Madeira. É uma iniciativa digna de louvor e do apoio moral e material de todos os madeirenses. Por minha parte, levo a minha simpatia e solidariedade aos «conjurados» desta pacifica revolução destinada a implantar no País o poder de fascinação duma nova majestade — a ilha das ilhas do Atlantico.

O sr. ministro da Instrução

(Continuação da 1.^a página)

Barcelona, dr. Azevedo Neves, reitor da Universidade Technica; D. José Pessanha director da Escola de Belas Artes; dr. Matos Romão, professor da Faculdade de Letras e dr. João Marques da Silva, secretario do sr. ministro.

Usqu primeiramente dá palavra o sr. ministro da Instrução. Num breve e elegante discurso, ergueu a sua taça e tendo feito uma ampla allusão ao passado comum dos dois países em prol da civilização, brindou pelo sr. Embaixador da Espanha e pelo Catedrático Blaz Cabrera, representantes, respectivamente, do Estado e da Cultura Espanhola, agradecendo-lhes, ao mesmo tempo, a iniciativa da criação dum curso de lingua e literatura portuguesa no Instituto Espanhol, o que vem contribuir para a cimentação do intercambio cultural luso-espanhol e prometendo a colaboração do Estado e das Universidades Portuguesas em prol dessa obra da Espanha, por cuja grandeza bebe.

Respondendo-lhe o sr. Embaixador da Espanha, que começa por referir o passado historico comum, de Navegações e Conquistas o que dá direito a pensar na igualdade de Portugal e Espanha. Na época moderna, pela cultura, se «escreverão novas paginas de gloria dos dois países, para o que contribui esta obra, cimentadora do amor de Espanha e Portugal, com o respeito pela sua soberania, embora com identificação pela cultura.

O Instituto Espanhol agradece, pela sua voz, a colaboração das Universidades e o alto beneficio que o Estado Português já lhe concedeu, permitindo a entrada, sem direitos, do material escolar necessario. Termina brindando pela Patria Portuguesa.

Ambos os discursos foram muito applaudidos, tendo o almoço decorrido sempre com a maior elevação.

Ante-ontem, após a cerimonia inaugural do Instituto Espanhol em Lisboa, o sr. Embaixador de Espanha, dr. Juan José Rocha, ofereceu um almoço ao sr. dr. Gustavo Cordeiro Ramos, que se realizou no Palacio da Embaixada, em Palhavã.

Assistiram os srs. dr. Armando Cordeiro Ramos, chefe do gabinete do ministro, dr. Julio Dantas, inspector das Bibliotecas e Arquivos, dr. Celestino da Costa, como representante do Rector da Universidade de Lisboa e 168 academicos.

NECROLOGIA

FALECIMENTOS

Tomaz Del-Negro

Mais um artista e dos mais distintos acaba de desaparecer do numero dos vivos.

A morte levou ontem pelo seu braço fatidico o maestro Tomaz Del-Negro, que foi um dos mais distintos musicos portugueses.

A sua avançada idade, 82 anos, e uma perlinaz doença que ultimamente se agravara contribuíram para que ontem, pelas 2,30, se finasse, na sua residencia, o artista que, iniciando a sua carreira em 1861, alcançou um lugar de grande destaque no meio musical do nosso país.

Tomaz Del-Negro, que fôra um premiado em todos os anos, nos cursos de rudimentos e trompa, do Conservatorio de Lisboa, era um dos mais laureados compositores, tendo sido sub-chefe da antiga Banda da Guarda Municipal, e director de varias orquestras.

Como compositor, escreveu entre outras, as seguintes operetas: «Kinfu na China», «Tentação», «Capitão Lobishomen», «Aventura Regia», «Mestre de armas», «Filhos do capitão-mor», «Retalhos», «Kiki», «Varinos», «Mancheia de Rosas», «Planeta Venus», «Volta ao mundo em 80 dias», «Homem das mangas», «Arte Nova», «Vinha a saltar», «Espelho da verdade», «Santo Antonio de Lisboa», «Templo de Salomão», «A. B. C.», «Pra frente», etc.

Podendo afirmar-se que os seus exitos se contam pelo numero das suas obras.

Tomaz Del-Negro, que pertencia a uma familia de artistas, foi até ha poucos anos professor do Conservatorio lugar que deixou por ter sido atingido pelo limite de idade.

A sua residencia, rua Teofilo Braga, 19 r/c., acorreram durante o dia de ontem e madrugada de hoje inumeras pessoas que ali foram deixar os seus cartões de condolencias, entre ellas muitos artistas dos teatros de Lisboa de que Del-Negro foi tambem algumas vezes empresario.

O funeral realiza-se hoje ás 14 horas para o cemiterio Ocidental.

A familia enlutada enviamos sentimentos pesames.

Henrique Santos

Faleceu com 58 anos, o sr. Henrique Santos, empregado superior da Companhia Nacional de Navegação. Deixa viuva a sr.^a D. Camila Martins dos Santos e era cunhado do sr. Artur Costa, funcionario da Imprensa Nacional, e do sr. Manuel Martins, comerciante e proprietario.

O funeral realiza-se hoje no Cemiterio da Ajuda.

D. Maria do Carmo de Campos Neves

COIMBRA, 12. — Faleceu ontem a sr.^a D. Maria do Carmo de Campos Neves, estremosa mãe de s. ex.^a rev.^{ma} D. João da Silva Campos Neves, bispo de Vatarba e auxiliar do sr. cardinal Patriarca e do sr. p.^e Augusto da Silva de Campos Neves.

A's 14,30 foi o cadaver daquela senhora conduzido para a igreja matriz das freguesias de S. José, ao Calhabé, onde lhe foram feitos os officios fúnebres, findos os quais se organizou o funeral para o Cemiterio da Conchada.

O *Diário da Manhã* que apresenta sentidos pesames á familia enlutada, e em especial ao sr. bispo de Vatarba, fez-se representar pelo nosso correspondente em Coimbra.

SUFRAGIOS

D. Benvida Lima Vieira de Abreu

Sufragando o trigésimo dia da sua morte, manda a sua familia rezar uma missa que terá lugar amanhã, pelas 10 horas, na igreja de Santa Catarina (aos Paulistas).

TELEFONE 489

AGENCIA MAGNO

R. SANTA MARTA, 172-174-LISBOA

Funeraes e Trasladações

Joaquim Ferreira Alves

44—Rua Nova da Trindade

Telefone 2 7623

Serviço permanente

O «Diário da Manhã» vende-se em Arcos de Val-de-Vez na casa Fernandes Lázaro da Lapa

MUSICA

O concerto do «Renascimento Musical»

No Teatro de S. Carlos realiza-se hoje um concerto que, pelo seu programa, é dos mais notáveis que se têm ultimamente realizado entre nós. Trata-se da audição de duas obras de notáveis autores portugueses do seculo XVIII, João de Sousa Carvalho autor de três operas todas representadas e applaudidas e José Antonio Carlos de Seixas o mais notavel dos nossos craistas a quem o grande Scarlati testemunhou a maior amizade e consideração. Alem disso executa-se tambem o celebre «Requiem» de Mozart que é considerada talvez a mais inspirada obra que o cerebro de um musico tenha produzido. Dirige o concerto o musicografo dr. Ivo Cruz nome que é forçoso apresentar ao respeito publico pela obra notavel que vem realizando. Nesta época de egoismo em que cada um atropela o visinho para chegar primeiro, em que só quasi se pensa na satisfação da vaidade ou do interesse pessoal, é justo apontar o nome de Ivo Cruz que faz arte, só pela arte, sendo um rebuscador incansavel das velhas partituras portuguesas, cujos autores de ha muito jaziam no esquecimento dos arquivos poeirentos. Antigo discipulo de piano de Timoteo da Silveira e de harmonia e composição de Tomás Borba, frequentou em Munich, onde esteve cinco anos, os cursos de Estetica e Historia da Musica na respectiva Universidade, ao mesmo tempo que, com o professor Richard Mors estudava composição, instrumentação e direcção de orquestra, indo depois fazer a pratica de regência na Trapsche Musikschule. Anteriormente á ida para a Alemanha fundou o «Renascimento Musical» associando a esse movimento o musicologo Eduardo Liborio. As primeiras revelações sobre a «Escola Portuguesa» dos seculos XVII e XVIII, fruto de pacientes e cuidadosas investigações, foram feitas nos concertos organizados por essa associação de cultura artistica na Liga Naval e, a convite de Antonio Bordas, director do Conservatorio de Madrid, na sala deste instituto de ensino, O «Renascimento Musical», que se destina a doutrinar e a desenvolver larga acção, parte do principio de que a formação da futura «escola portuguesa» está condicionada ao conhecimento dos nossos classicos.

Em concertos e conferencias revelou o «Renascimento Musical» os nomes de Rodrigues Coelho, Carlos de Seixas, Sousa Carvalho e outros compositores, em muitas das suas obras que formam entre si um conjunto com caracteristicas claramente definidas que as distinguem das outras «escolas» europeias. Regressado da Alemanha, Ivo Cruz reorganizou a «Sociedade Coral de Duarte Lobo» que anos antes fundara, no sentido de dotar Lisboa com um grupo de organização permanente que permitisse num esforço, valorizado pela continuidade, dar a conhecer as grandes obras corais. O publico ficou conhecendo nestes ultimos anos a «Paixão segundo S. Mateus» de Bach, «Orfeu» de Monteverdi, e vai agora ouvir o «Requiem» de Mozart essa obra maravilhosamente bela que Mozart escreveu já no limiar do mundo dos mortos.

Para o grande publico quasi que se pode dizer que se trata de uma primeira audição, pois que essa partitura parece ter sido executada pela primeira vez em Portugal em 1815, nas exequias de D. Maria I, tendo tambem sido executada algumas vezes na Sé Patriarcal por alina de D. Pedro V, e ha cerca de vinte anos nuns concertos organizados por Alberto Sarti com a sua «Schola Cantorum». Mas pelo menos, com a imponencia orquestral e coral, como já verificámos ao assistir ao ultimo ensaio, cremos ser a primeira vez.

Os solos serão cantados por Leonor Viana da Mota, soprano; Lilia Brandão, contralto; José Rosa, tenor e Mario Mota Pereira, baixo. O difficil e paciente trabalho de preparar os coros foi feito por Mario de Sampaio Ribeiro, colaborador dedicado de Ivo Cruz, a quem já se devem tambem em grande parte as audições de Bach e Monteverdi.

Neste mesmo concerto vai ser dada a abertura da opera «L'amor industriale» cantada pela primeira vez na Primavera de 1769 no real teatro da Ajuda. O outra obra que faz parte do programa é o «Concerto» para cravo com acompanhamento de orquestra.

A União dos Interesses Economicos

e a isenção de contribuições

Por comunicação feita á União dos Interesses Economicos, pelo Ministerio das Finanças, já se encontra elaborado o decreto que concede a isenção de contribuição até 1940, ás construções futuras e em curso; diploma que será em breve publicado no «Diário do Governo».

Com esta providencia, solicitada pela referida União, resolvem-se em grande parte as dificuldades das industrias que dependem da construção civil, dando-se trabalho a milhares de operários que nela ocupam a sua actividade.

A União dos Interesses Economicos, acompanhada da Associação dos Construtores Civis e Mestres de Obras, vai agradecer a publicação desta util e oportuna providencia.

Construção de casas economicas na cidade do Porto

A comissão administrativa da Camara Municipal do Porto enviou ao ministro das Obras Publicas e Comunicações o projecto relativo á construção de 36 casas economicas que importa em 623.301\$34, sendo 283.450\$26 de mão de obra e 339.851\$08 de materiais e transportes.

Aquele Municipio solicitou a participação do Estado para a realização daquele importante melhoramento.

Academia das Ciências

Instituto de Altos Estudos

Já felizmente restabelecido, fará na proxima quarta-feira, pelas 12 horas, a sua primeira lição deste ano, no Instituto de Altos Estudos, o eminente conferencista e ilustre academico sr. dr. Fidélino de Figueiredo.

Mestre de conferencias, disputado pelas Universidades da Europa e da America, onde a sua voz se tem feito ouvir, com admiração e respeito, o sr. dr. Fidélino de Figueiredo vai com a sua autoridade e o seu muito brilho versar este ano o seguinte tema—*Contrastes entre a literatura portuguesa e a espanhola*.

Serão, indubitavelmente, horas de gala para a mentalidade portuguesa.

CAMPINO

Peçam esta finissima Bolacha da FABRICA CONFIANÇA

Sociedade Portuguesa de Seguros
Capital realiado 2.000.000
Sede (na sua propriedade)
Rua da Madalena, 36 — LISBOA

CLINICA DO Dr. Ferreira Pires

das Faculdades de PENNSYLVANIA (Philadelphia, E. U. D'A) e de LISBOA
DENTAL SURGEON DO BRITISH HOSPITAL
DOENÇAS DA BOCA, DENTES E MAXILARES
R. da Escola Politecnica, 77, 1.^o
TELEFONE N. 7380
Especial para classes menos abastadas

de Carlos de Seixas, obra que jazia ignorada de todos na Biblioteca da Ajuda onde Ivo Cruz a foi desencantar.

É seu solista Macarius Kastner notavel cravista alemão que muito dedicado a assuntos de musicologia e tendo estudado com o celebre cravista alemão Gertrud Wertheim, se dedicou á rigorosa interpretação dos compositores dos seculos XVII e XVIII.

Ivo Cruz revelou-lhe os nossos classicos tão esquecidos e desde então Kartner nunca mais deixou de incluir nos programas dos seus numerosos concertos algumas paginas dos nossos velhos musicos. A sua vinda a Lisboa visa, da parte de Ivo Cruz, prestar homenagem a tão dedicado amigo da cultura portuguesa, a dar á ressurreição da obra de Seixas o timbre do instrumento original para que fôra escrita, e finalmente pôr o publico de Lisboa em contacto com o grande movimento que vai pela Europa culta a favor do reaparecimento dos instrumentos antigos.

Tal é em resumo a obra já tão importante realizada por Ivo Cruz, cuja modestia mais realça ainda o seu muito valor.

HERMINIO DO NASCIMENTO

O PENSAMENTO ESTRANJEIRO

Panorama Politico

O ENIGMA IRLANDÊS

Para onde vai a Irlanda? — Todo o Mundo o pergunta — com inquietação, com temor, com melancolia. Sente-se que a multidão que acaba de dar a De Valera os seus votos entusiastas está dominada pela obsessão da independência. Mas nem sempre, em assuntos desta gravidade e transcendência, o entusiasmo é um bom conselheiro... Desligada da comunidade britânica, que destino espera a pequena ilha revoltada?

Alem disto, temos a considerar o grave problema interno dos irlandeses, o problema das lutas religiosas em perspectiva. Dublin reclama a unidade da Irlanda sobre a sua égide. E, Dublin é uma cidade católica. Mas o Uls-

ter é protestante. Recusa-se, portanto, a submeter-se à hegemonia de Dublin. Prefere a Inglaterra — a qual o ligam, pelo menos, as suas crenças.

Como vai resolver De Valera o conflito? Difícil de prever. O que, porém, é fácil de prever é que o seu caminho se enche de dificuldades — senão de ciladas... E só por grande ingenuidade se pode, como a Irish Press, declarar que as ultimas eleições marcaram «um dia glorioso na historia da Irlanda»...

Dia glorioso — ou dia lutuoso? Não viverá muito quem não vir qual dos dois adjectivos lhe convem mais. Palpita-nos que ha-de ser o segundo...

A crise da democracia francesa

A democracia francesa está em crise. Crise angustiosa, decisiva. Ouçam o que diz a insuspeita Marianne sobre a embrolhada dos partidos: — «Dizem que os socialistas não se entendem com os radicais. Mas entendem-se os socialistas com os socialistas e os radicais com os radicais? Trinta deputados radicais votaram com o sr. Blum contra o sr. Herriot. E parece que o sr. Blum precipitou, sem querer, a queda do sr. Paul-Boncour, como precipitara a do sr. Herriot — sem querer... As fracções dos partidos opõem-se entre si, os organismos exteriores dos partidos pesam nas suas resoluções. Seja qual for o successor do sr. Paul-Boncour, a sua vida ministerial arrisca-se a ser breve e difícil.»

Quere dizer: não tardaremos a ver cair o Gabinete Daladier. E depois? Depois... Meditemos a ultima capa de *Les Annales*: duas pirâmides de armas enarilhadas, vultos de soldados na neblina, e esta legenda: *Aufour du Pays Bourbon — Paysage de Crise*. Estão a ver, não é verdade? O Parlamento — o templo da soberania democrática — só funciona cercado de tropas!... E, mesmo assim, até quando?...

Pacheco na America

O famoso Wilson, dos 14 pontos lirico-democraticos, tinha um amigo, obscuro mas poderoso, que considerava um pensador extraordinario. Wilson morreu, mas o pensador, que é coronel e se chama House, está ainda vivo. A ultima frase historica do coronel House, é esta: «Até agora o Mundo tem-se revolvido no egoismo. Viram-se inumeros Cains perguntando: — Sou eu o guarda de meu irmão? — O que é preciso é mais fé e mais fraternidade...»

Gostam ou não? Ficamos sabendo que o nosso amigo Pacheco embarcou, e já começa a ter em Nova York, pelos seus discursos meio-propheticos, meio-sinistros — a fama justissima de ter um imenso talento...

O Japão e os sovietes

A offensiva comunista tem-se manifestado com particular intensidade no Japão. De dia para dia se torna mais cruel a luta entre um Governo que sabe defender a sério a ordem publica — e a legião oculta e sanguinaria dos agentes de Moscovo.

Não admira. O Japão é a grande força militar do extremo oriente — sentinela vigilante em frente duma China caótica e anárquica, duma Russia que se arma cada vez mais para atear o incendio revolucionario em toda a parte... Demolir o poderio japonês, deve ser a suprema aspiração dos dirigentes dos Sovietes.

Mas, como dissémos, o Governo nipónico defende-se bem, e, até agora, tem dominado energeticamente o adversario — respondendo com dureza ás suas provocações e disturbios. Fazemos votos porque assim continue. Seria, para a civilização, um gravissimo desastre — se fraquejasse algum dia o melhor

Bernard Shaw e a Liberdade

Ultimamente, em Bombaim, no meio dum discurso, Bernard Shaw teve esta frase que devemos sublinhar, aplaudir... e guardar: — «E' preciso desem-



G. B. SHAW

baraçarmo-nos dessa tradição romantica que se chama Liberdade».

O autor celebre do *Pygmalion* e da *Saint Joan* passa por um original. E, como toda a gente, umas vezes é original, outras não... Ha tempos, ao cantar um hino á Russia dos Sovietes, a originalidade cedia inteiramente o lugar... ao cabotinismo. Agora, ao chamar á Liberdade «tradição romantica», a originalidade cede antes o lugar — ao bom senso.

Prestemos, pois, as nossas homenagens a Bernard Shaw. E felicitemo-nos por ver que o illustre dramaturgo inglês toma com decisão um lugar de combate entre os melhores representantes da reacção moderna contra os ídolos falidos do seculo passado.

Houve gente que se apressou a saudar com alvoroço a imagem dum Bernard Shaw fascinado pelas maravilhas do comunismo. Foi — compreendemo-lo agora — uma precipitação. A imagem que fica, depois da sua afirmação corajosa de Bombaim, é a dum Bernard Shaw claramente, desassombadamente, anti-liberal.

baluarte oriental da disciplina e da ordem.

Blasco Ibañez

Fez por estes dias cinco anos que morreu Blasco Ibañez. Já cinco anos! Vivía então a Espanha sob a Ditadura benigna e ordeira de Primo de Rivera. Blasco atacou, com todo o fogo do seu temperamento de escritor — a afrontosa tirania que sepultava as liberdades... E morreu assim — indignado, colérico, julgando o déspota em pleno triunfo, e a patria moribunda... Se ainda vivesse agora, que faria Blasco? Não tenhamos duvidas: faria o mesmo, faria pior. Acusaria com maior indignação, com maior cólera, os actuais déspotas da Espanha, E, se morresse hoje, em vez de ha cinco anos — era capaz de morrer tambem no exilio...

Uma tentativa

Deu-se ha pouco, na Checo-Eslovaquia — democracia que até agora tem seguido com docilidade os exemplos do seu modelo francês — uma tentativa de golpe de Estado militar, destinado a instaurar uma espécie de ditadura fascista.

A tentativa falhou, mas a semente ficou lançada. E já se murmura que ha muito, no Exército, quem só espere uma ocasião mais propicia...

HITLER

fala do Estado Nacional-Socialista

Parece-nos util — neste momento em que a Alemanha se prepara, sob o governo Hitler, para uma nova e talvez decisiva experiencia politica — dar ao publico português uma ideia do que será o Estado Nacional-Socialista.

Ninguém melhor do que o actual chanceler do Reich nos poderá dizer qual o pensamento que presidirá á construção da Alemanha futura. E' do grande livro-programa do proprio Hitler: *Mein Kampf* (publicado de 1925 a 1927 e reeditado ha pouco, em 1932) que extraímos hoje, numa tradução livre, mas fiel, alguns periodos importantes. Por eles se vê as diferenças e semelhanças que existem entre o Estado Novo tal como o conceben Mussolini; o Estado Novo tal como está realizando o sr. dr. Oliveira Salazar — e o Estado Novo tal como Hitler se propõe estabelecê-lo no seu pais

— «O Estado Nacional Socialista vela pela prosperidade de todos tendo na maior conta o valor de cada um e collocando á frente dos diferentes serviços os mais aptos. No dominio da politica, isto significa a supressão radical do principio das maiorias. A decisão duma multidão, substitui-se a dum individuo capaz e responsavel.»

— «A melhor forma para um Estado é aquela que permite, em cada ramo de actividade, confiar a direcção aos mais capazes. Na industria, por exemplo, os dirigentes não são designados arbitrariamente; formam-se previamente na direcção dos pequenos negocios

para chegar aos grandes. O mesmo deve dar-se na vida politica...»

«A utilização das competencias deve pois ser o principio director da organização do Estado — desde a mais pequena comuna até á Direcção Suprema. Não deve haver decisões tomadas pelas maiorias, mas sim, e unicamente, pelas pessoas responsaveis.»



HITLER

«A formula que fez outróra a grandeza do Exército prussiano será a nossa: «Autoridade de cada um sobre os inferiores e responsabilidade perante os superiores.»

«Poderão conservar-se os Parlamantos, mas como orgãos deliberantes, visto que a decisão só pode ser tomada pela autoridade, que terá tambem a responsabilidade correlativa.»

Panorama Literario

A ORDEM DOS POETAS

Por iniciativa do critico e poeta Jean Desthieux, nas suas *Heures Perdues*, formou-se em Paris um grupo onde brilham alguns nomes illustres, e que se propõe criar nada menos do que: — a Ordem dos Poetas.

Esta noticia deixa-nos surpreendidos e mesmo um pouco tristes. A Ordem dos Advogados, dos Médicos, dos Engenheiros — está certo. Ninguém defende mais do que nós a fundação das grandes Ordens profissionais, dos grandes organismos corporativos, que tenham por fim exprimir necessidades, defender interesses, regulamentar esforços. Só nesses organismos, até, é que acreditamos, como legítimas e reais manifestações da vida co-

lectiva junto dos Governos — substituindo a falsa representação parlamentar.

Mas uma Ordem dos Poetas — para quê? Que interesses têm os Poetas a defender — eles, cuja arte é, por essencia, desinteressada? Que regras têm a estabelecer — eles, que são eternos insubmissos? Que luta podem travar contra a indiferença duma época — onde, em vez da musica das liras, se ouve apenas o estridor insolente das maquinas?...

Para quê — a Ordem dos Poetas?! Quando o ultimo privilegio que os Poetas disfrutam ainda — é exactamente o de serem os unicos cidadãos que ninguém pensa em meter na ordem!...

Filosofia

— E' digno de menção especial o excelente estudo de Albert Garreau acerca de Alberto-o-Grande, onde o autor nos dá um perfil completo do mestre de S. Tomaz de Aquino e um resumo claro da sua doutrina filosofica. O livro é ainda valorizado pelo prefacio, do sabio P. Mandonnet. (Desclée, de Brouwer, Editores).

— Já saiu, das officinas Alcan, a nova edição da *Histoire de la Philosophie allemande*, de Bréhier, há muito reclamada pelos estudiosos e cujas primeiras edições tinham sido rapidamente esgotadas.

Um pensador italiano

Fala-se agora muito, em França, da colectanea de pensamentos do escritor italiano Guichardino, que foi organizada e traduzida por Juliette Bertrand, com um excelente prefacio de Jacques Bainville.

Guichardino, émulo do seu contemporaneo Maquiavel, resumiu, em formulas breves e incisivas, as regras positivas a que terão de subordinar-se os Governos desejosos de manter a ordem sem vacilações nem quimeras. E, como acontece sempre a quem observa com serenidade e lucidez as grandes realidades sociais, Guichardino condena em

absoluto o sistema democratico, acentuando que as assembleias populares são permanentemente «cheias de mil enganos, de mil confusões, desprovidas de senso e de estabilidade»...

Por outro lado, na sua missão de moralista e psicólogo, o notavel pensador florentino não se esquece de pôr em relevo a inandade dos pequenos sucessos efémeros da vida literaria ou da vida mundana. «Saber resistir ao sucesso é uma prova maior de valor do que saber resistir á adversidade» — eis um dos seus mais perfectos aforismos.

Vê-se, pois, que Jacques Bainville pode dizer com toda a justiça que Guichardino, a cinco seculos de distancia, oferece uma admiravel lição de realismo aos homens do nosso tempo...

Inesperado

Um caso que vale a pena contar em duas linhas.

Maximo Gorki, o grande escritor revolucionario, publicou um livro. A edição vulgar custa 15 francos. Muito bem. Mas (vem anunciado na *Humanité*!) ha uma edição de luxo, em papel Japão Imperial, a 125 francos o volume!

Que dizem a este exemplo da igualdade e do desinteresse... comunistas?

Intercambio teatral

— Tem obtido um exito marcante, na capital da Checo-Eslovaquia, a comedia de costumes *Les Marchands de Gloire*, uma das primeiras em que Marcel Pagnol se revelou (de colaboração com Paul Nivoix) o mais esperançoso autor teatral da França moderna.

— O *Jean de La Lune*, de Marcel Achard, triunfa igualmente em Berlim.

— Por outro lado, dois dos maiores sucessos dos teatros parisienses são, agora: no *Potinière*, o drama *White Cargo*, e, nos *Ambassadeurs*, a reposição da celebre peça de Somerset Maughan, *Le Cercle*.

Mestrovic

A Jugo-Eslavia moderna possui alguns notaveis artistas plasticos. O pintor Friedel é um mestre digno das maiores consagrações. O retratista Aladoue não é nada inferior (antes pelo contrario...) ao parisiense Jean Gabriel Domergue.

Enfim, na escultura, a Jugo-Eslavia orgulha-se do genio poderoso de Mestrovic. A França acaba de render o seu preito ao grande estatuario, adquirindo uma das suas obras para o Museu do Luxemburgo.

Dois livros

— *L'Effort Yugoslave*, de Pierre Jaquin, que acaba de aparecer, é um repositório muito completo e instrutivo de todas as realizações positivas levadas a cabo pela Jugo-eslavia desde a sua proclamação como Estado independente. (Alcan, editor).

— Tem sido apreciado em Paris como notavel revelação literaria *Le Stigmate*, do humorista polaco Cyprien Norwid (trad. Paul Cazin) — onde o autor expande a sua larga veia de observador, de moralista e de visionario caricatural. (Gallimard, editor).

CRONICA DE LISBOA

POR INSULTAR E AGREDIR A AUTORIDADE — Pela P. S. P. foi ontem preso Francisco Quintanilha, de 33 anos de idade, pedreiro, morador no Bêco das Taipas n.º 22-A, porque estando num estabelecimento de vinhos na estrada de Chelas n.º 203, profirindo palavrões obscenos, em voz alta, foi admoestado pelo guarda de giro tendo-o insultado, tentando agredi-lo e desarmá-lo, dando escândalo publico na conclusão para o posto policial. «FOOT-BALL» DESASTROSO — Recolheu ao Hospital de S. José o marido Lourenço Cabral, de 30 anos, residente no Bêco da Cardosa, 37, que caiu quando jogava o «foot-ball» no campo do «Operários», fracturando um braço. DOENÇA SUBITA — Faleceu no Banco do Hospital de S. José, pouco depois de ali ter chegado, Vicente Pereira, de 70 anos, travessa das Recolhidas, bêco do Freitas, 13, que fôra acometido de doença perto da sua residencia. — Recolheu á Morgue, por ter fallecido sem assistencia medica, o cadáver de Luiz Fonseca, de 16 anos, sapateiro, residente na rua Pedro Dias n.º 15. QUEDA — No Hospital de S. José faleceu o trabalhador Manuel da Cos-

ta, de 35 anos, Barreiro, que há dias ali dera uma queda, na fábrica da C. U. F. GRAVE AGRESSÃO Á PAULADA — Recolheu ao Hospital de S. José, em estado grave e sem fala, o trabalhador José Borracho, de 19 anos, residente no Casal do Montinho, Mortargil, que na quinta-feira ultima, á noite, quando se dirigia para casa, foi agredido á paulada por Apolinário Pirralho, que para esse fim o esperava na estrada, com um grupo, do qual fazia parte o patrão do agressor, de nome João José. O Borracho apresenta fractura do crânio e contusões graves pelo corpo. A SERIE DIARIA — Apresentou queixa á Policia Joaquim Pinto das Neves, morador na Avenida da Republica, 23-4.º, contra um individuo cuja identidade ignora, porque lhe furtou dum automóvel que estacionava junto da sua porta, o relógio, no valor de 1.500 escudos. ATROPELADO POR UM ELECTRICICO — Deu entrada no Hospital de S. José, em estado grave, um individuo que aparenta ter 60 anos, que foi colhido por um electrico na rua Arantes Pedroso. Está muito contuso pelo corpo, sendo o seu estado grave.

PETROLE HAHN

CONTRA A QUEDA DO CABELO E A CASPA



NÃO EMPASTA CHEIRO AGRADAVEL

Conquistador



Papel de fumar Marca Universal Un mau tabaco, com um bom papel faz um bom cigarro

CONQUISTADOR O MELHOR PAPEL DO MUNDO Souza & Ribeiro L.ª Rua da Madeira 150- PORTO Depositario em Lisboa J. FERREIRA D'ALMEIDA Praça Duque da Terceira, 24

GAZ-OIL, OLEOS CANFIELD, 63, Rua S. Julião, 70 Tel. 2.8903

CADERNOS CORPORATIVOS

Encontra-se já á venda o n.º 2 Redacção e Administração R. da Horta Sêca, 7-1.º LISBOA

Azulejos e Paneaux das fabricas da

Comp. das Fabricas Ceramica Lusitania Sêde-Rua do Arco do Cego, 88-LISBOA Fabricas em Lisboa, Arraiolos, Albarraque e Coimbra DEPOSITO NO PORTO: Rua do Almada, 249 a 253

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESE

DIVISAO DE VIA E OBRAS

Serviço de abastecimentos Compra de pedra britada

No dia 18 de Fevereiro pelas 12,30 horas, na Calçada do Duque, 20, Lisboa, perante a Comissão Executiva desta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para a aquisição de pedra britada para balastro.

As condições estão patentes, em Lisboa, na Divisão de Via e Obras—Serviço de Abastecimentos—Calçada do Duque, n.º 20 e nas sedes da 1.ª Secção — Évora e 14.ª Secção — Beja, todos os dias uteis das 10 ás 13 e das 14,30 ás 17 hora

O deposito para ser admitido a licitar deve ser feito até ás 11,30 horas precisas do dia do concurso, servindo de regulador o relogio externo da estação do Rocio. Lisboa, 21 de Janeiro de 1933.— O Director Geral da Companhia—Ferreira de Mesquita.

NOVIDADES LITERARIAS

APARIÇÕES

(CONTOS)

A Revolução da Ordem

(Estudos sobre o Fascismo) POR JOÃO AMEAL

Cofre de Previdencia dos Officiais do Exercito Metropolitano

Pela pasta da Guerra foi mandado publicar no «Diário do Governo» o novo estatuto do Cofre de Previdencia dos Officiais do Exercito Metropolitano.

Como se trata de um documento extenso extraímos dele as suas principais disposições, a saber:

A inscrição como subscriptor do Cofre de Previdencia tem direito os officiaes dos quadros activos do Exercito Metropolitano e da Armada, e os officiaes milicianos, sendo obrigatória para aqueles no dia 1 do mês immediato ao da sua promoção a alferes, 2.º tenente ou guarda-marinha, para os referidos quadros, e facultativa para os milicianos, dentro do prazo de trinta dias a contar da data da «Ordem do Exercito» que os promover a officiaes. § unico. A inscrição é obrigatória para o subsidio minimo de 5.000\$00 e facultativa para os superiores a esta quantia, e começa a produzir efeitos no dia 1 do mês e que respeitar a quota paga.

Os subsidios a constituir serão multiplos de 1.000\$00, não inferiores a 5.000\$00 nem superiores a 20.000\$00, são impenhoráveis e sobre eles não incidirá qualquer contribuição ou imposto.

Os subscriptores adquirem direito a legar o subsidio quando tiverem dois anos de inscritos.

Se os subscriptores falecerem dentro do prazo fixado no artigo antecedente, serão entregues ás pessoas habéis para receber o subsidio as quantias com que tiverem contribuido para o Cofre.

Aos actuaes subscriptores, até completarem dois anos de inscritos, são mantidos os direitos que lhes confere o artigo 6.º do decreto n.º 10.975, de 29 de Julho de 1925.

Os subscriptores de subsidio superior a 3.000\$00, podem dispôr do excedente em beneficio de quem designarem.

As quotas a cujo pagamento os subscriptores ficam obrigados são as da tabela n.º 1, anexa a este decreto e que dele faz parte integrante, correspondentes á sua idade na data da inscrição ou do aumento do subsidio, e que, para esse efeito, será a mais próxima do dia 1 do mês em que começar a contar-se a inscrição ou o aumento do subsidio.

Os subsidios serão pagos contra recibo passado pelos interessados, com as assinaturas reconhecidas por notário ou autenticadas nos termos do artigo antecedente, mediante a apresentação da certidão de óbito do subscriptor donde conste a causa da morte, e termo de responsabilidade assinado por três subscriptores do Cofre, com as assinaturas reconhecidas ou autenticadas nos termos do artigo anterior.

Se na ocasião do falecimento do subscriptor não existirem pessoas habéis para receber o subsidio, será este entregue, por meio de habilitação judicial ou justificação perante o Conselho de Administração do Cofre, por três subscriptores do mesmo Cofre e editos de trinta dias, publicados no «Diário do Governo», por intermédio do Ministério da Guerra.

O subsidio pode, á vontade dos subscriptores, ser total ou parcialmente transformado em prestações ou rendas vitalicias pagáveis a todos ou alguns dos beneficiários.

A parte do subsidio que fór destinada a ser paga em prestações ficará depositada no Cofre, vencendo juro igual ao que teria se fosse depositada na «Caixa Económica Portuguesa», sendo entregue aos respectivos beneficiarios no numero de pagamentos, épocas e proporções que tiverem sido designadas pelo subscriptor na sua declaração.

As rendas vitalicias, que serão individuais e pagas mensal ou trimestralmente, calcular-se-ão pela tabela n.º 2, anexa a este decreto e que dele faz parte integrante, tomando-se em consideração as idades dos beneficiarios na data do falecimento dos subscriptores e a importância da parte do subsidio que lhes tenha sido destinada.

E' permitido aos officiaes dos quadros activos do Exercito Metropolitano e da Armada que não tenham mais de sessenta anos de idade, inscreverem-se como subscriptores do Cofre de Previdencia dos Officiais do Exercito Metropolitano até 30 de Junho de 1933, se forem julgados em condições favoráveis de saúde por um médico, de preferéncia designado pelo Conselho de Administração do Cofre, e fizerem dar entrada na secretaria do mesmo Cofre, até áquele dia, por intermédio das estações competentes, á respectiva declaração e á primeira quota correspondenté.

Trata ainda das condições em que os sócios do Cofre de Previdencia dos Sargentos de Terra e Mar podem ingressar neste Cofre.

TABELA N.º 1

Quotas mensais correspondentes a cada 1.000\$00 de subsidio

Table with 4 columns: Idade do subscriptor na data da inscrição ou do aumento do subsidio, Quota mensal, Idade do subscriptor na data da inscrição ou do aumento do subsidio, Quota mensal. Rows range from 20 to 43 years.

TABELA N.º 2

Rendas vitalicias anuais, pagáveis mensal ou trimestralmente, correspondentes ao subsidio de 1.000\$00

Table with 6 columns: IDADES, PENSÕES, IDADES, PENSÕES, IDADES, PENSÕES. Rows range from 3 to 28 years.

Bancos e Companhias

COMPANHIA TAGUS — Sob a presidencia do sr. Antonio Joaquim Simões de Almeida reuniu a assembleia geral ordinaria desta companhia que aprovou o relatório e contas da ultima direcção e elegeu para o corrente ano novos corpos gerentes que ficaram assim constituídos:

Mesa da Assembleia Geral — presidente, Antonio Joaquim Simões de Almeida; vice-presidente, dr. Mauricio Costa; secretarios, Joaquim Isidoro de Oliveira Mendes, e Carlos Augusto Fernandes; vice-secretarios, João Augusto dos Reis, e Mario Reis Rodrigo.

Direcção — Effectivos: Augusto Domingos Ogando dos Santos, dr. Raul Lelo Portela, Rogerio Moniz; suplentes, João Ornelas da Silva, Pedro Alexandre Durão, Rodrigo Franco Afonso. Conselho Fiscal — Effectivos: dr. Fernando Rodrigues Costa, José Antonio Simões Raposo Junior, Manuel

Luiz dos Santos Violante; suplentes: Isaias Augusto Teixeira, dr. João Pereira Feio Pimenta de Castro, dr. Vasco Vasconcelos.

Na mesma sessão foi deliberado por unanimidade que dividendo a distribuir por accção seja de 30\$00.

Tubos «Sá» nunca são CANUDOS

V. Ex.ª já provou esta marca de vinho? Telef. 2 6427

DR. ARMANDO NARCISO Clinica Medica P. dos Restauradores, 48-1.º Telf. 2 1738

Companhia Colonial de Navegação Carreira do Norte da Europa Vapor MALANGE sairá no proximo dia 25, recebendo carga em Lisboa e Porto para: Hamburgo, Rotterdam e Anvers e para qualquer outro porto estrangeiro com conhecimento direto e sujeito a baldeação em Hamburgo ou Rotterdam. AVISO IMPORTANTE: — A carga para embarque destinada aos portos de Africa deve estar no nosso Caes ou á borda, até ás 20 horas da ante-vespera do dia da saída do vapor, salvo quando a ante-vespera fór domingo ou feriado, recebendo-se neste caso até ao meio dia da vespera. Trata-se nos escritorios da COMPANHIA 33111 LISBOA: — Rua do Instituto Vergilio Machado, 14 (Telefone 2.0051). PORTO: — Rua do Infante D. Henrique, n.º 9 (Telefone 2.342)

POLICLINICA DA RUA DO OURO Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º TELEF. 2 6519 Dr. Armando Narciso — Medicina, coração e pulmões — A's 5 horas. Dr. Bernardo Vilar — Cirurgia geral, operações — A's 5 horas. Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinarias — A's 10 horas. Dr. Correia de Figueiredo — Pele e sifilis — A's 6 horas. Dr. R. Loff — Doenças nervosas, electroterapia — A's 3 horas. Dr. Mario de Mattos — Doença dos olhos — A's 2 horas. Dr. Mendes Bello — Estomago, figado e intestinos — A's 4 horas. Dr. Filipe Manso — Doenças das creanças — A's 14 horas. Dr. Casimiro Affonso — Doenças das senhoras e operações — A's 2 horas. Dr. Francisco Calheiros — Carganta, nariz e ouvidos — A's 3 1/2 horas. Dr. A. de Carvalho Dias — Doenças da nutrição empaludismo — A's 4 horas. Dr. Armando Lima — Bêca e dentes, profese — A's 12 horas. Dr. Aeu Saldanha — Rão X — A's 4 horas. ANALISES CLINICAS

NOVIDADES LITERARIAS APARIÇÕES (CONTOS) A Revolução da Ordem (Estudos sobre o Fascismo) POR JOÃO AMEAL

A marca dos vinhos «Extremadura»

foi largamente tratada ontem em Torres Vedras numa imponente reunião magna de viticultores, lavradores, representantes das Camaras Municipais e das Comissões políticas da União Nacional

A assembleia tendo saudado com entusiasmo o ilustre ministro da Agricultura resolveu manifestar o seu aplauso e apoio áquele membro do Governo e dispensar-lhe uma manifestação de simpatia

TORRES VEDRAS, 12.—(Do nosso enviado especial)—Afirm de ser devidamente apreciada a atitude dos viticultores do norte em face do recente decreto que reconheceu a marca *Extremadura* para vinhos lisos e licorosos, realizou-se ontem em Torres Vedras, como fora anunciado, uma reunião magna das Camaras Municipais, Sindicatos Agrícolas, Associações Comerciais, comissões de viticultura e concelhias, lavradores, etc. dos concelhos do centro e do sul do País.

A reunião convocada pela Comissão de Viticultura de Torres Vedras e que se efectuou no Teatro-Cine daquela vila teve extraordinária concorrencia e a tal ponto que pelas 15 horas já se tornara difícil obter um lugar na mencionada sala de espectáculos. Nas primeiras filas dos «fauteuils», bem como nos camarotes e palco viam-se além dos mais importantes lavradores da região os representantes das Camaras Municipais de Arruda dos Vinhos, Cartaxo, Sobral de Mont'Agração, Almeirim, Mafra, Bombarral, Lourinhã, Alenquer; delegados dos Sindicatos Agrícolas do Cartaxo, Vila Franca de Xira, Lourinhã, Bombarral, Ribadellera; Comissões de Viticultura de Arruda dos Vinhos, Sobral de Mont'Agração e Mafra; Associações Comerciais e Industriais de Torres Vedras, Lourinhã e Bombarral; Juntas de Freguesia: do Cartaxo, Carcavelos, Ventosa (Alenquer); S. Quintino; Azeira (Mafra) e Ramalhal; Comissões Concelhias da União Nacional, do Cartaxo, Arruda dos Vinhos, Azeira, Ramalhal, e Torres Vedras; Caixa de Crédito Agrícola do Bombarral e os jornais *O Vale do Tejo*, de Almeirim, *O Jornal de Mafra* e *A Voz do Bombarral*, etc. etc.

Entre a assistência recorda-nos ainda ter visto os srs: Dr. Figueirôa Rego, director geral do Fomento Agrícola; Luiz Gama e Francisco Machado, representantes da Associação Central de Agricultura; Carlos Smith, delegado da secção de vinhos da Associação Comercial de Lisboa; Simões de Almeida, representante dos exportadores de Lisboa e os importantes lavradores dr. José Rino, dr. Tiago Sales, dr. Santos Moita, dr. Moura Guedes, dr. Mario Galvão, dr. Jaime Batalha Reis; tenente França Borges, administrador do concelho, etc.

O commercio de Torres como manifestação de apoio á reunião encerrou as suas portas o que permitiu a presença de muitos commerciantes no Teatro-Cine.

O sr. dr. Mario Galvão afirma que o Sul não pode renunciar á marca «Extremadura»

Às 16 horas, o sr. dr. Mario Galvão, presidente da Comissão de Viticultura de Torres Vedras abrindo a sessão agradeceu a comparencia das pessoas presentes e depois de expor os fins da reunião convidou o sr. dr. Jaime Batalha Reis a tomar a presidencia o que este fez entre aplausos da assistência.

Os lugares de secretarios foram ocupados pelos srs. Luiz Gama, da Associação Central de Agricultura; Carlos Smith, da Associação Commercial de Lisboa; José Antonio Ribeiro da Costa, presidente da Camara Municipal do Cartaxo e Levy Augusto de Vasconcelos, representante da região de Carcavelos.

O sr. presidente lamentou que a sua avançada idade não permitisse dirigir trabalhos de tão grande importancia mas que descendendo de uma familia de viticultores não podia recusar o convite para presidir a uma reunião em que seriam apreciados os protestos ilegítimos do Norte contra a criação da marca «Extremadura». Esses protestos—disse—não tinham razão de ser e os reclamantes singravam um caminho mau e anti-patriótico.

Foi depois lido o expediente em que figuravam telegramas de adesão e a saudação das Camaras Municipais e Sindicatos Agrícolas de Salvaterra de Magos, Leiria e Alcobaça; Associações Comerciais e Industriais de Alhandra e Lourinhã; do jornal regionalista *O Obidense*, de Obidos, etc. Também foi lida uma mensagem dos lavradores da freguesia de Vimeiro, concelho da Lourinhã.

O sr. dr. Mario Galvão depois de dizer que o assunto a tratar já estava suficientemente discutido, lamentou que sendo Portugal um país pequeno se estivessem seguindo orientações que lhe eram prejudiciais quando afinal o que se devia era valorizar os productos nacionais e acreditá-los no estrangeiro. Historiou em seguida o inicio da exportação dos vinhos do Douro, afir-

mando que as mais antigas e maiores exportações haviam sido feitas sempre com grande renome pelas barras do Sul, o que levará o Marquês de Pombal, para vencer tal concorrência, a dar vida ao Douro. Este, amparado depois pelo Estado, progrediu e ia progredindo tornando-se no entanto necessario clamar bem alto que o Sul também tinha direito a viver.

E com calor e entusiasmo o orador exclamou:

—A posição do sul, actualmente, impossibilita-o de renunciar á marca da *Extremadura* cujos direitos não podem ser anulados.

A marca do Sul fica definitivamente, (grandes ovações).

O sr. dr. Mario Galvão, que teve palavras de affecto para os homens bons do Douro, lamentou que outros, por uma falsa compreensão, estivessem seguindo uma noção errada.

Ocupou-se ainda da «Casa do Douro» e da questão das aguardentes terminando por dirigir saudações ás pessoas presentes.

O sr. Francisco Machado diz não haver necessidade de agravar o Douro

O sr. Francisco de Melo Machado, director da Associação Central de Agricultura, que se seguiu no uso da palavra, começou por lembrar que a attitudão do Sul tinha de ser, como até agora, da mais estremada correccção. Não havia que agravar o Douro. O Vinho do Porto era precioso e constituía a nossa melhor representação lá fóra. Mas o que ninguém podia contestar era o direito que assistia ao Sul de reivindicar a marca *Extremadura* sendo legítimo que ele tivesse também os seus vinhos licorosos.

Insurgia-se contra as regiões demarcadas e formadas á porta fechada. O Sul que tinha as suas portas abertas e não receava a concorrência queria ter o direito de fabricar e vender os seus vinhos sem a pretensão de os confundir com os do Porto, vinho de renome.

O orador terminou dizendo que confiava em que o sr. ministro da Agricultura, que soubera legislar para o Norte não deixaria de tomar em consideração as razões que assistiam ao Sul.

O sr. Simões de Almeida que falou depois como exportador embora também seja viticultor afirmou que os ataques feitos á marca do vinho *Extremadura* eram absurdos e infelizes, passando em seguida a expôr as razões da sua afirmativa.

E acrescentou: «Foi, é preciso dizê-lo, por causa das reclamações e das acusações feitas pelo Sul aos vinhos de Prova Sêca que se proibiu essa exportação e essa exportação foi bem proibida moralizando um pouco o bom nome do Vinho do Porto, porque esses vinhos iam para toda a parte para ali serem licorizados com mistelas gregas ou espanholas para depois poderem ser vendidos como vinhos do Porto.

«O que é que se exportava então, meus senhores, era um producto genuino incomparavel, com as tradições do Vinho do Porto, ou exportava-se outra coisa?»

«O *Extremadura* já conhecido no mundo inteiro por *Lisbon Wine*, pode ser exportado pela barra de Lisboa, é um vinho com características próprias e inconfundível. Não se assemelha a nenhum outro, e isto mesmo foi constatado pela *Missão Vinícola Francesa* que há poucos anos visitou Portugal, quando ella provou em Alpiçarra, em casa do saudoso paladino do Sul José Relvas, vinhos com 10 a 60 anos de idade. Ali se verificaram autenticas maravilhas e ainda há bem poucos dias as suas excellentes qualidades foram verificadas em Almeirim por um dos mais distintos exportadores do Vinho do Porto, e também um dos maiores paladinos no ataque ao *Extremadura*, que honestamente decla-

rou ser uma autentica revelação o que acabava de ver!

E prosseguindo:

«Os productos do Sul de Portugal, podemos garanti-lo, são autenticos, são genuinos, pois sobre eles impende hoje uma fiscalização rigorosa, que veio até ao encontro dos desejos dos exportadores honestos, daqueles que só fazem uma coisa durante toda a sua vida: elevar e impôr a nacionais e estrangeiros os productos que levam o seu nome e a sua marca!

«Mal andou o commercio em consentir—porque não protestou—que não ficasse consignado pela lei o antigo nome «Lisbon Wine» ficando a *Extremadura* como região privativa para a sua produção.

«O «Lisbon Wine» tem seculos de existencia; o «Lisbon Wine» já foi reconhecido ha dezenas de anos por estadistas e homens eminentes, com categoria mental indiscutível, por estadistas do proprio Norte, como sendo um producto já conhecido no Mundo inteiro e tanto assim que eles escreviam desta forma no *Diário do Governo*:

«E' conhecido de todos o facto de ser já cotada em Londres, o principal mercado dos vinhos em questão, a marca «Lisbon Wine». E' sob esta designação que podem ser exportados os vinhos do Sul, no interesse de todos e especialmente da viticultura. Assim não só se continuará a exportação com semelhante designação (o «Lisbon Wine» que por nenhum titulo convem expropriar, mas ficará solenemente confirmada pela lei a sua existencia e oficialmente reconhecida para o commercio!!!»

E' apresentada uma proposta de saudação ao ilustre ministro da Agricultura

Falou depois o sr. dr. Moura Guedes, lavrador e advogado.

Embora tendo grande parte do seu patrimonio no Douro—disse—desejava defender os interesses de Torres Vedras, sua terra, motivo por que manifestava a sua inteira solidariedade ao Centro e Sul do País.

Acima de todas as paixões era preciso colocar os interesses da Patria; que não se chocassem regiões, umas contra as outras.

E perguntou: —Que mal fará aparecer lá fóra mais um vinho licoroso de Portugal? Os protestos têm origem commercial; não são levantados pelo Douro mas sim por commerciantes do Porto.

E após uma pausa: —E' a primeira vez que todos, viticultores, lavradores, exportadores, commerciantes da *Extremadura*, nos encontramos de acôrdo. Mostremos de uma vez para sempre que somos senhores da nossa vontade quando ella represente um direito sagrado. Que este bloco não se desfaca, se saiba impôr, a fim de ser feita justiça á região da *Extremadura*.

O orador terminou enviando para a mesa a seguinte proposta:

«Os viticultores e commerciantes de vinhos do Centro e do Sul de Portugal, reunidos em assembleia magna, saudam respeitosamente s. ex.^a o sr. ministro da Agricultura; protes:am a s. ex.^a o mais caloroso aplauso pela promulgação do decreto que criou a marca dos vinhos licorosos da *Extremadura* e declaram-se em sessão permanente enquanto os homens do Douro persistirem no estreito criterio do seu egoismo em atentar contra esta medida de reconhecido interesse nacional.»

O sr. Luiz Gama propôs que sejam rigorosamente acauteladas todas as possiveis tentativas de fraude

O sr. Luiz Gama, na assembleia

recebeu com vivas demonstrações de simpatia dirigiu saudações á presidencia e á comissão organizadora da reunião tendo ainda palavras de carinho para a Imprensa. Declarou depois que não iria malhar em ferro frio, nem agravar ninguem tanto mais que não se encontravam presentes os vinhateiros do Norte.

Havia um problema a tratar. O sr. ministro da Agricultura para debelar a crise vinicola tinha decretado a criação da *Casa do Douro*, mas Portugal não era somente o Douro e Sua Ex.^a decretara, e muito bem, o complemento dessa Casa, a marca *Extremadura*.

Não havia nenhum vinhateiro que não reconhecesse a superioridade do vinho do Porto, mas este era produzido em circunstancias de preço tal que não igualavam outros similares do resto do País. Havendo regiões em Portugal que podiam apresentar productos a concorrer com os dos outros países, entendia que era de maior justiça que se deixasse vingar uma nova marca que não fazia concorrência ao Porto.

O que havia pois a fazer? O que o ministro fizera com o seu alto criterio. Havia pois que pugnar unica e exclusivamente pelo que o ministro decretara para bem da economia nacional.

O orador depois de manifestar a sua aprovação á marca *Extremadura* e de expôr as razões por que o fazia enviou para a mesa a seguinte moção que era também assinada pelo dr. Francisco Melo Machado:

—«Considerando que o vinho do Porto é uma autentica riqueza nacional e que todos os viticultores portugueses tem a restrita obrigação de pugnar pela defesa da sua genuinidade.

«Considerando que a criação da marca «Extremadura» não teve o mais leve intuito de, directa ou indirectamente prejudicar a expansão do legitimo vinho do Porto mas tão somente concorrer nos mesmos mercados com os similares estrangeiros da sua categoria.

«Considerando que importa cercar de todas as cautelas a nova marca, em termos de não ser possível qualquer confusão a assembleia resolve:

1.º — Pugnar pela manutenção da marca «Extremadura».

2.º — Sugerir a s. ex.^a o ministro que na regulamentação do decreto que criou a marca *Extremadura* sejam rigorosamente acauteladas todas as possiveis tentativas de fraude por meio de confusão nos dizeres de rotulos ou marcas existentes ou a criar.

3.º — Solicitar que as penalidades a estabelecer contra os infractores sejam rigorosas.

A leitura desta moção foi sublinhada, no final, com grandes salvas de palmas, o que levou o sr. Luiz Gama a agradecer as manifestações de simpatia de que fóra alvo.

E' proposta uma grande manifestação de aplauso ao ilustre titular da pasta da Agricultura

O sr. dr. Santos Moita depois de apresentar calorosas saudações á presidencia cujo elogio fez, disse ter sido com grande satisfação que ha dias, na sua terra, recebera o sr. ministro da Agricultura que havia decretado a criação da marca «Extremadura», tendo em mira o bem da economia nacional. O orador ainda se referiu á exportação dos vinhos do sul confirmando o que tinha sido dito pelo sr. dr. Mario Galvão. Afirmou que o sul não produzia vinhos licorosos inferiores aos do Porto passando então a demonstrar a veracidade das suas declarações.

Fez votos para que o Douro deixasse viver a *Extremadura* manifestando o desejo de que todos se abraçassem mas que se soubesse que os homens

de Sul também tinham direito á vida. O orador terminou declarando que aceitava a proposta apresentada pelo sr. dr. Moura Guedes, de saudação e aplauso ao ilustre ministro da Agricultura, manifestando a opinião de que fosse dada toda a solidariedade ao membro do Governo que recizia o decreto e fazendo votos para que o respectivo regulamento não se fizesse esperar.

Depois o sr. tenente França Borges espraçou-se em considerações sobre o fabrico do vinho em Portugal, dizendo que nada mais natural era do que a *Extremadura* apresentar também os seus productos. A attitudão do ilustre ministro da Agricultura, sobre o assunto, tinha sido portanto desassomburada, mostrando ser bom patriota e outro Marquês de Pombal.

O ministro—acrescentou—foi consciente e quis coligar o interesse nacional. Surgiu então o decreto a dizer *basta*—a pesar do Sul nunca haver protestado contra as medidas que muito o prejudicavam e que beneficiavam o Douro.

E acrescentou: —«Não podem ser admitidos privilegios. Que se diria amanhã se as Caldas da Rainha reclamassem o privilegio do fabrico de louça; a Covilhã, o dos tecidos; Alentejo o de semear trigo; e o Minho, de semear o milho? Representava um egoismo condenavel.

«O Sul não pode deixar de protestar contra a attitudão dos que combatem o interesse nacional.

O orador, falando sempre com calor e vivacidade, occupou-se ainda das regiões demarcadas dos vinhos verdes e da extinção da medida que proibe a entrada dos vinhos maduros em qualquer região demarcada do País.

Fez votos para que os vinhos licorosos da *Extremadura* timbrassem pela maior pureza e que como tal se impusessem lá fóra. (Grandes aplausos).

Terminou enviando para a mesa a seguinte proposta:

—«Que as Camaras Municipais, Associações Comerciais, Sindicatos Agrícolas, Comissões de Iniciativa dos distritos da provincia da *Extremadura* promovam uma manifestação de aplauso ao sr. ministro da Agricultura pela publicação do Decreto que reconhece os vinhos da *Extremadura* encarregando-se a Comissão de Viticultura de Torres Vedras de solicitar a devida audiência e tomar a iniciativa da organização da manifestação a levar a efeito.»

A assembleia aprova todas as propostas e moções enviadas para a meza

Por ultimo falou o sr. dr. Tiago Sales que declarando-se paladino da União de Viticultura portuguesa disse ser absolutamente indispensavel a congregação de todos os esforços para se resolver o grave problema vinicola. Occupou-se largamente do decreto que criou a marca *Extremadura* que em caso algum—disse—perturbará a marcha do Vinho do Porto de fama mundial. Afirmou que ninguem queria atropelar essa marcha triunfal, exclamando:

—«Como pode a marca *Extremadura* prejudicar o Douro quando ella nem tem o nome de *Wine*?»

Depois de lamentar o facto de no Minho estar sendo vendido o vinho a 1.200 escudos o pipo quando no Sul com dificuldade não se obtinha mais de 200 escudos, por pipo, rendeu homenagens ao presidente da assembleia fazendo votos para que o sr. Jaime Batalha Reis continuasse, com boa saude, a presidir a sessões como a que se estava realizando.

O sr. dr. Mario Galvão declarou ainda que desejava occupar-se das regiões demarcadas mas que indo a hora bastante adiantada pedia á presidencia que fossem postas á votação as propostas e a moção enviadas para a mesa.

O sr. dr. Tiago Sales propôs que na moção Luiz Gama-Francisco Machado fosse adicionado o pedido de revogação das regiões demarcadas com o que o sr. Luiz Gama mostrou não concordar.

A assembleia aprovou por fim as propostas dos srs. Moura Guedes e tenente França Borges, bem como a moção Luiz Gama-Francisco Machado.

A sessão foi encerrada ás 17 horas e 30 minutos.

O PROBLEMA DOS VINHOS DO PORTO NOS MERCADOS INTERNOS E EXTERNOS

Foi a todos os títulos notável a conferência realizada há dias no Ateneu Comercial do Porto, pelo nosso antigo camarada e conhecido negociante de vinhos do Porto e lavrador do Douro, sr. Amandio Silva.

O tema da sua conferência, tão oportuno, foi o que nos serve de epigrafe.

E com os conhecimentos especiais que o sr. Amandio Silva possui deste e outros assuntos económicos, desenvolveu com elevação sendo a sua conferência uma verdadeira lição de economia, sobretudo em referências aos assuntos que versou.

Casa do Douro—Marca Extremadura e Gremio dos Exportadores e Instituto dos Vinhos do Porto.

O sr. Amandio Silva principiou por agradecer as palavras da apresentação do sr. presidente e que alargou a todos os convidados presentes, e numerosa assembleia que enchia a sala.

E a seguir o sr. Amandio Silva entra imediatamente no assunto da sua conferência.

O Douro diz tem o seu estatuto que julga lhe resolve o eterno problema.

E resolveu a pergunta o orador?

Prosseguiu. **A Casa do Douro** divide-se em duas partes absolutamente distintas. Uma a sua organização em sindicatos por freguesias a que se seguem as **Unões Concelhias** até à **Camara Sindical**. Ao lado destes organismos — Camara Sindical e Unões Concelhias — Caixas de Credito Agricolas Mutuas.

Organização perfeita conclue o orador.

A **Casa do Douro** deveria ficar por aqui, bastaria para proteger o Douro e firmar e valorizar o preço dos seus vinhos.

O Douro ficava assim absolutamente integrado na sua missão sem invadir funções alheias. E o sr. Amandio Silva prosseguindo faz a demonstração do funcionamento deste organismo de credito.

Explica o que são as Caixas de Credito limitado e demora-se na demonstração da sua eficacia no Douro, onde o grande mal é o lavrador não estar senhor do justo equilibrio de produtor e não possuir a independencia economica de que carece com o negociante. O orador estende-se em largas considerações para demonstrar que com tal organização não se necessitam pedir encargos ao Douro com que não pode e não é justo pedir-lhe. Combate o fundo de credito de \$05 por litro que tem que pagar por toda a produção sem vantagem alguma para a viticultura. Pois se pela organização das Caixas de Credito Agricolas limitado todos os socios são solidarios — e são socios todos os viticultores — não bastariam os valores de toda a viticultura, para garantir de toda e qualquer operação de credito? Para que arrancar á sua economia 5.500 contos annuaes, para um suposto financiamento e compra, que quando a efectivar-se de verdade a pouco chegará? E o sr. Amandio Silva prossegue na sua apreciação á **Casa do Douro** com uma grande clareza, referindo-se aos encargos que a nova lei traz ao Douro que contra todas as indicações economicas vem encarecer esse produto dificultando-lhe a colocação e dando o flanco ás falsificações.

Enquanto lá fora se ameznam as patas de exportação, se concedem subsídios e bonus, nós aqui encarecemos o produto.

E cita numeros: Uma pipa de vinho exportada para a Alemanha, Belgica, França, Inglaterra ou Noruega, nú. (fôra o casco), tem respectivamente estes encargos 351\$00, 335\$00, 220\$50, 185\$50, e 225\$00 escudos. Quer dizer os encargos resultantes de transportes e impostos diversos custam por vezes tanto como o proprio vinho. Agora junte-se-lhe o valor do casco, os transportes e direitos nos países de importação e ver-se-á por quanto fica uma pipa de vinho do Porto ao comprador. Muito prestigioso deve ser o nome do proprio vinho do Porto para poder resistir a este regime de desvalor em que o vinho do Porto sempre tem vivido — **de dentro e lá fora.**

E depois de apreciar diversas atribuições da **Casa do Douro** que o orador julga prejudiciaes para o commercio e para o proprio Douro, o sr. Amandio Silva entra na apreciação da nova marca regional «Extremadura».

Esclama: O sr. ministro da Agricultura julgou dar ao Douro uma lei que lhe resolve o seu problema.

Pois bem; a criação da marca regional «Extremadura» vem inutilizar absolutamente essa obra de suposta salvação para o Douro. E diz suposta — afirma o orador — porque hoje como ontem a solução do problema está inteiramente na conquista dos mercados. E largamente disserta sobre estes apontando cifras, indicando escalas máximas e mínimas de direitos que incidem sobre vinhos mais ou menos graduados nos diversos países.

Esta parte da conferência do sr. Amandio Silva, é interessantissima demonstrando como os vinhos da nova marca, indo aos mercados com uma diferença de preço notavel, por motivos e condições de cultura, de produção, fôra outras e aproveitamento em todos os países, de um direito mínimo como seja 50%, a menos do que incide sobre os vinhos do Porto e Madeira e indo confundir-se com estes e á sombra da palavra **Porto** — que outro fim não tem a nova marca — os vinhos novos do Douro serão fortemente baleados nos mercados e porventura desalojados de lá em definitivo.

Historia largamente as tentativas infructiferas da lavra do Sul que só agora tiveram acolhimento.

O orador conclui: Focado o problema em todos os aspectos interiores vemos-lhe sobre a maneira de ser nos mercados externos. E o orador afirma: Vejamos como se pretende organizar o commercio, visto supor-se estar já organizada a viticultura e qual poderá e deverá ser a sua acção nos mercados.

Há apenas alguns dias que o sr. engenheiro Duarte Pacheco, illustre ministro das Obras Publicas, assinou uma portaria concedendo entusiasticos e mercantilissimos louvores á Sociedade Cooperativa dos Operarios Pedreiros Portuenses. Tal acto, pela justiça que representa e pela homenagem que exterioriza, não é para ficar apagado e perdido no banal noticiario das gazetas. Não pode «matar-se» em meia dúzia de linhas banais. *A tout seigneur tout honneur* — e relevemos a francezise.

Mas haverá quem pergunte, num País como o nosso em que se ignora muita coisa boa:

—Mas que vem a ser afinal a tal «Sociedade Cooperativa dos Operarios Pedreiros Portuenses»?

E haverá quem pasme se afirmarmos que se trata duma das mais belas e interessantes obras que Portugal possui! «Corporativamente, socialmente falando», não conhecemos nenhuma que se lhe avanteje.

Foi fundada em 1914 por um numeroso grupo de pedreiros desta cidade e encontra-se instalada num modesto edificio da modestissima Travessa das Almas. Analphabetos quasi todos, esses operarios souberam no entanto compreender o alcance social e economico de uma organização destinada a modificar profundamente as condições de vida da classe.

O actual gerente da Sociedade — como nos custa respeitar o compromisso de lhe não publicar o nome! — o actual gerente, que dispensou ao representante do *Diário da Manhã* atenções amigáveis, afirmou-nos:

«O pensamento que nos norteou ao fundar a «Sociedade»? E' facil descobri-lo nestas palavras do nosso Estatuto: «Criar, manter e aumentar uma propriedade colectiva composta de terreno, edificio, maquinas, ferramentas, e fabricar em cooperação e em proveito dos socios, nas oficinas que a «Sociedade» venha a possuir, todos os trabalhos de granito; e criar com uma percentagem tirada dos lucros liquidados uma «caixa de pensões» para os socios sem trabalho.»

«Essa caixa foi logo criada? — Só pudemos criá-la sete anos depois, em 1921. A «Sociedade», já então vivendo desalojada, contribuiu para essa obra de assistência, verdadeiramente indispensavel, com Esc. 150.000\$00. Mais tarde a crise sugeriu-nos o estabelecimento duma cantina — onde são fornecidas, diariamente refeições a 600 operarios. Possuimos um posto de socorros, com enfermaria para os sinistrados.»

«Alindai, há momentos, á crise... Aguentou-a bem a Cooperativa?»

«O sr. — Já iam escrever-lhe o nome, perdão! — teve um assomo de tristeza. Refere-se ás colações de antes da guerra por demonstrar que a tradição

não é propriamente de vinhos caros em regra.

Mas para se chegar a tal procura-se na futura organização do Gremio dos Exportadores a exigencia dum «stock» fixo elevado e procura manter-se o estagio. Vejamos o que representam na pratica tais medidas.

«O stock» traz apenas encargos formidáveis, encarceramento pelo desfalque e a jurisdicção do capital.

Compreendia-se se o **Vinho do Porto** fosse como certos vinhos francezes, que são exportados de propriedades próprias e necessitam de uma temporada nas caves, para adquirirem qualidades que só o tempo lhes dá. Mas tal não succede. O **Vinho do Porto** não se exporta exclusivamente, o produzido em determinada propriedade do Douro, mas sim o produto de lotações de vinhos vindos dessa Região, — certamente — mas em regra, de anos e procedências diversas — diversas, entendendo-se, dentro do Douro.

E se a lei estabelece, que nenhum vinho possa ser exportado, sem que seja sujeito á prova de competentes, para que o «stock»? Para garantia do vendedor, como já se afirmou? Que é isso?

Pois o facto duma casa ter maior ou menor «stock», merece mais credito ou mais honrabilidade? Não. O facto desta exigencia, obedece tão somente em facilitar o escoamento de existencias de vinhos velhos, que não têm saída, e que uma má compreensão não pôs como dono na hora propria, afirma o orador.

E alarga-se ainda em considerações, na demonstração da sua afirmativa. Tal exigencia só tem um fim; afastar concorrentes, restringir os negocios a uns tantos, e portanto provocar consequentemente a baixa da exportação.

O estagio, não é mais defensavel. Trás os mesmos inconvenientes para o lavrador, que o «stock» para o negociante. Dois anos de estagio nas adegas, não dão aos vinhos qualidades de nobresa. Obriga tão somente a um empate de capital, e a uma paralisação de negocios.

Se as coisas continuarem, e quando se esgotem os vinhos das colheitas anteriores, como manter as exportações? O remedio não se vê outro: é suspender a exportação. E onde ir buscar depois os vinhos caros, para tempo?

Lê depois estatísticas referentes á exportação, á queda dos champagnes, á queda dos vinhos caros, ao alargamento constante dos vinhos baratos, para demonstrar como estão em erro, os que seguem doutrina oposta. A exposição do orador, torna-se interessante neste ponto. Defende em seguida com sobrios argumentos, a sua doutrina de sempre. A solução da crise do vinho do Porto, a solução do problema da viticultura nacional, está na expansão deste vinho, fortificando os mercados, conquistando outros e defendendo-os por inteligentes convenios com os países diversos.

A certo ponto refere-se ao diferencial de bandeira, e entende que nós devemos acordar com a Inglaterra neste ponto, em que ella insiste, mais por um principio de ordem politica, o que a nós pouco molesta, e desde que se consigam compensações numa protecção eficaz para os nossos vinhos. Refere-se á protecção que os outros países concederam aos seus vinhos, como Australia, que dá um bonus de exportação por pipa, de 10-0-0, mais do que o valor do vinho.

(Segue na 11.ª pága.)

PAGINA DO PORTO O Porto e os herois



AMANDIO SILVA

UMA OBRA: UMA LIÇÃO!

A «SOCIEDADE COOPERATIVA DOS OPERARIOS PEDREIROS PORTUENSES»

Ha dias, afirma o orador, neste mesmo lugar o sr. Carlos Lelo expôs e defendeu doutrina que não pode ser perfiçada por ele orador. O sr. Carlos Lelo defendeu aqui a politica do vinho caro, o regresso á tradição, e julgou util afirmar que na futura organização do Gremio dos Exportadores — já annunciada pelo sr. ministro da Agricultura — seria util para dignificação do commercio condicionar a exportação ao «stock». Quer dizer, o sr. Carlos Lelo defendeu aqui doutrina absolutamente oposta á perfiçada pela Comissão Technica de Vinhos de que é presidente. E' certo que o sr. Carlos Lelo declarou-se ali alheio ás suas funcções de secretario da A. Comercial e de presidente da Comissão Technica de Vinhos. Mas tal declaração não bastava. Este senhor tinha que demittir-se primeiro do lugar que occupava e só então poderia fazer a publico as opiniões que professa. O sr. Amandio Silva dizendo-se membro da Comissão Technica vai demonstrar, como a doutrina exposta pelo sr. Carlos Lelo, nem é util para o Douro, nem proveitosa para o Commercio e muito menos para a expansão dos vinhos do Porto.

Faz um estado logico, documentado lendo estatísticas e apontando numeros, para demonstrar que a politica do vinho caro, pelo menos na hora presente, é indefensavel e sobretudo arcaica de todas as possibilidades.

Faz um estudo do mercado inglés apontando as suas condições economicas, apontando como exemplo evincente o facto de o **Vintage de 27** estar quasi todo por vender e vender-se este vinho a preço? E' que os clientes destes vinhos eram os homens ricos de Inglaterra que na presente crise é a classe mais sacrificada. A geração actual não possui o culto pelos vinhos e se os prefere é porque são mais baratos do que o Wisk e do que quasi a

propria cerveja. Com o custo de uma garrafa de Wisk compram-se 3 de Vinho do Porto.

E assim é que enquanto no mercado inglés — o nosso mercado tradicional dos Vinhos do Porto — a nossa exportação decresce, em França, mercado de vinhos baratos a nossa exportação sobe a tal ponto que vai de 1.700 em 1927 para 28.907 em 1932.

E essa exportação justamente decresce, quando os direitos se elevam e a crise economica se acentua. Aponta numeros interessantissimos referentes aos nossos vinhos em relação á posição dos Austriacos, Cabos e Vinhos Ingleses. Faz um largo estudo sobre os diversos mercados.

«Para nós a crise teve uma «curva», que chegou a preoccupar-nos, em fins de 1931. A paralisação atacou os trabalhos de construção civil. Mas, para grandes males, grandes remedios: e a «Sociedade» viu-se obrigada a «licenciar» 85 operarios, pagando-lhes 50 por cento do seu salario. Esse ultimo desfalco, até agora, os nossos lucros em 110.000\$00 escudos.

«O numero de socios da «Cooperativa»?

«Mil e duzentos. Mas esse numero oscilla dia a dia, com a inscrição dos novos.»

«E os 85 licenciados? Já encontram que fazer?»

«Na nossa «Sociedade» não ha hoje um unico desempregado! — declarou. E adivinhámos nas suas palavras uma satisfação imensa, um nobre orgullo. Logo, acrescentou:

«Aqueles 85 socios «licenciados» constituíram a maior das nossas preoccupações. Era um encargo por si além, e não podiamos com elle.

Era preciso conseguir trabalho, trabalhar para conseguilo...

Avistei-me com o sr. dr. Sousa Rosa, illustre presidente da Camara do

Porto, expus-lhe a situação; e solicitei o remedio: o reforço da verba destinada á construção do edificio dos Paços do Concelho, uma obra que é nossa... E fomos ouvidos! Em Dezembro do ano passado aquela verba sofreu o aumento de 250.000\$00 escudos. Era um «impulso» na construção dos «Paços» — e era o pão dos 85 «licenciados»!

«O sr. — valha-nos Deus! — tem palavras de grande louvor para a digna comissão administrativa da Camara do Porto.

«A fôrta a crise em referencia, os srs. têm tido sempre que fazer?»

«Sempre. E tem sido nossas as melhores obras da cidade... Quer saber? O nosso primeiro trabalho foi a «Casa do Povo Portuense», á rua de Camões. Obra de operarios para operarios! Alguns dos mais belos edificios da cidade foram construidos por nós... Agora, a melhor das obras em que trabalhamos — aquela em que nos retemos! — é o grandioso Palacio da Camara.

«E os fundos da Cooperativa?»

«São constituídos pela quotização mensal — alás bem pequenina! — dos nossos associados. Mas a nossa vida desalojada constituiu um «milagre» de administração. O dinheiro dos nossos operarios é uma coisa sagrada!

«Nunca houve dissídios?»

«Nunca. Entre os socios da Cooperativa sempre existiu — como sempre ha-de existir — a maior harmonia. Todos comprehendem que o bem de cada um depende do bem de todos.

«E... politica? — arriscámos.»

«O nosso entrevistado votou-nos um olhar de assombro.

«Politica? E' coisa que não existe na «Cooperativa!» Ou, melhor, existe uma politica: a do interesse da classe! Essa, sim, que é a nossa politica; e todos somos politicos apaixonados.»

Uns momentos de silencio. Depois: — Por lhe falar em classe. Nas nossas reclamações, naquilo que pedimos no uso de um direito que ninguém pode, com justiça, eliminar, nunca nos inspirou o menor intuito «exclusivista». Não pugnamos apenas pelos «nossos socios»: mas por todos que trabalham o mesmo trabalho e vivem a mesma vida! Se houvesse tempo, mostrar-lhe-ia o nosso «dossier» — e teria a prova do que lhe afirmo.

«Atitude nobilissima, que muito honra a «Cooperativa».

«A nossa obrigação, apenas. E todos a comprehendem! Quere saber? Quando do periodo agudo da crise — a historia dos nossos 85 licenciados — lançamos um apelo a todos os socios. Era preciso auxiliar os nossos companheiros sem trabalho! E convidámos todos a assinar um boletim, a dizer se sim ou não contribuíam com 10% do seu salario para aquele fim. As respostas vieram... Um sorriso de intensa e intima satisfação illuminou os olhos do nosso entrevistado... as respostas vieram. E não houve um unico não!

«Admiravel! Isso sim, que é uma nobilissima afirmação de «espírito de classe»!

«Foi isto, como lhe disse, em Novembro de 1931. Mas a crise passou, e os socios foram desobrigados daquele generoso encargo. E eis tudo!

«E eis tudo o que é e vale esta obra grandiosa que se esconde sob o rotulo humilde de «Sociedade Cooperativa dos Operarios Pedreiros Portuenses»! Ela constituiu uma lição formidissima de «organização» na hora que passa. E' preciso levá-la, proclamá-la, aos quatro cantos de Portugal!

Dissimulo, assim mesmo, ao gerente da «Cooperativa», — cuja modestia se revoltava ante o recibo de lhe publicarmos o nome, — um nome honrado de trabalhador.



ANTERO MOREIRA

situação dos nossos operarios nos preoccupa.

«Mas estão impacientes...»

«Eu sei. Mas não ha razões por ora. A epoca do defeso começou há poucos dias, em 31 de Janeiro. Não obstante, não demora que o assunto seja solucionado, e duma forma interessante para... os interessados. Terão o subsidio — que é justo e que é lei criteriosa e humanitariamente lhes garante.

«Ouvimos que os delegados do Consorcio aguardam a visita da respectiva gerencia, para tomar uma resolução...»

«Precisamente. E essa visita já se teria realizado, se um motivo de força — a doença de um dos gerentes, o sr. engenheiro Azevedo Coutinho — a não demorasse.

«Mas v. ex.ª ha-de já ter sobre o assunto uma ideia assente... — arriscamos.

«Tenho. Sou absolutamente — e já o expus em publico! — contra a entrega do subsidio... de «mão beijada». Entendo que ele deve ser distribuido pelos interessados, mas como justa retribuição do trabalho produzido.

«O criterio do Commissariado do Desemprego...»

«Mas é o unico racional! Dar trabalho é a melhor forma de dar dinheiro...»

«E esse trabalho?»

«O nosso plano — o meu ponto de vista, por ora — promovo a construção de uma Creche-Hospital-Refugio. A verba do subsidio revertêr-se-á assim, e duplamente, a favor dos operarios. Durante-lhes o pão de agora e garantos-lhes, amanhã, a assistência.

«Magnifico!

«Creio que os operarios trabalharão com amor numa obra assim, que é sua. A iniciativa tem assim um vasto e nobre alcance social.

«Atingi-lo-ão os operarios conservadores?»

«Creio que sim. O operario português só é mau quando o obrigam a sê-lo. E não lhe falta inteligencia suprimindo a incultura.

Uma objecção:

«Mas demorarão, esses trabalhos? A demora não se compadece com a falta de recursos...»

«Os trabalhos da Creche-Hospital-Refugio devem ser, no mais curto prazo de tempo, iniciados.

«E encontrarão á colocação todos os operarios conservadores?»

«Todos, não. São algumas centenas... Mas collocaremos grande numero deles nas fabricas, occupal-os-emos na preparação do **vazio** para a proxima safra. O assunto está estudado por nós em todos os seus pormenores.

«Esperam, para já, a visita dos gerentes do Consorcio da Industria?»

«A todo o momento.

«E perfiçarão os pontos de vista de v. ex.ª?»

«Nada posso, nada sei dizer-lhe. Impõe-se compremente, uma troca de impressões sobre o assunto...»

Aquella reticencia fechava, positivamente, a entrevista. E fechava-a bem. Ficámos elucidados e, comosco, o leitor.

Agradecer ao sr. dr. Fernando de Matos a sua recepção amigável e aguardar os acontecimentos...

«Não o temos descurado — disse nos Não rodiamos descurá-lo, porque a



Cantina e cozinha da Cooperativa dos Pedreiros Portuenses



O edificio onde se encontra instalada a sede da Cooperativa

INDUSTRIA DAS CONSERVAS

VAI SER CONSTRUIDA EM MATOZINHOS UMA CRECHE-HOSPITAL-REFUGIO PARA OS SEUS OPERARIOS

Lavra certa agitação entre os operarios conservadores de Matozinhos; ella é devida ao subsidio que o decreto que organizou a Industria de Conservas destina áquelles operarios durante a epoca do defeso. O respectivo sindicato tem reunido amide, na sede da Associação de Pescadores de Matozinhos — para apreciar o assunto. Reunidos cordates, a que preside um sereno espirito de conciliação — mas onde se adivinha o proposito de não recusar...



DR. FERNANDO DE MATOS

Que a demora hávida na entrega do referido subsidio está collocando o operario numa situação angustiosa. E apontam o exemplo de Setúbal — onde os operarios estão já recebendo... Na penultima reunião foi eleita uma comissão, encarregada de se avistar com os delegados do Consorcio da Industria de Conservas.

«O resultado dessa intelligencia? O assunto interessa Matezinhos; e não pode desinteressar a ninguém... Propusemo-nos, desde logo, ouvir o sr. dr. Fernando de Matos, um dos

delegados do Consorcio em Matozinhos e figura de singular destaque no meio industrial do nosso País. Desnecessario é recordar agora — quem se não lembra? — da sua acção decisiva em prol da organização da Industria de Conservas, organização que veio salvá-la, como é sabido, duma morte quasi certa.

«O sr. dr. Fernando de Matos acolheu-nos fidalgamente. Expusemo-lhe o assunto.

Em fins de 1850 encontrava-se no poder o conde de Tomar. Saldanha e os seus amigos maquinavam contra o Governo e este procurava defender-se estabelecendo no País uma grande rede de espionagem e oferecendo ao barão de Ourem, para o afastar da conspiração, o Governo Geral da India.

Oficiais, sargentos e até algumas unidades militares contradiavam em repetidas transferencias. E assim se foram arrastando os meses em inquietações até que, a 9 de Abril de 1851, o conde de Tomar lia ás Camaras um decreto adiando-as para 2 de Junho. Ninguém reaccionou, mas não faltavam frentes erguidas e iluminadas pela esperança, porque na noite de 7, Saldanha, furtando-se á vigilancia exercida sobre a sua irrequieta pessoa, sahia do da capital para acaudilhar as forças prestes a insurreccionar-se.

Saldanha contava com Infantaria 7, Cavalaria 4 Caçadores 1 e 5.

Depois de uma penosa e infructuosa romaria por varios pontos da provincia, Saldanha teve de reconhecer que muitos dos officiaes comprometidos na revolta se apresentavam para combater aquelles a quem se deveriam considerar ligados. O duque corre ao Porto só com os seus ajudantes, mas ninguém corresponde ao seu apelo. Presumindo-se atraído pelo refugio-se em Vigo, e a 24, em S. Carlos era ruidosamente festejado o acontecimento. Mas nessa mesma noite sublevava-se no Porto o batalhão de Caçadores 9 formando na parada do quartel de Santo Ovidio e saltando entusiasticos vivas a Saldanha.

Juntam-se-lhe, pouco depois, Infantaria 2 e uma força de artilheria.

Joaquim de Sousa Pinto Cardoso, coronel do 2, tenta dominar a sublevação, mas é morto, e os revoltosos marcham sobre a Relação para libertarem o major Cruz Sobral, comandante da Guarda Municipal, ali preso pela autoridade militar, que era o conde de Casal que pouco depois tomava a estrada de Braga acompanhado apenas dos ajudantes e das ordenanças...

Os ajudantes de Saldanha, Salvador da França e D. Miguel Ximenes Gomes Rodrigues Sandoval de Castro e Viegas, mais tarde primeiro visconde de Pinheiro, que não acompanharam o duque á Galiza, mandam ali um emissario a fim de prevenir o marechal do inesperado triunfo.

A 27 de Abril, Saldanha entra triunfalmente no Porto.

O entusiasmo da população era delirante.

As ruas acafiaram-se de quantas plantas o povo pôde haver ás mãos. Das janelas jorravam diluvios de flores.

Repicavam os sinos, trovava a artilheria, enrouqueciam as gargantas com as mais clamorosas saudações.

Poucas vezes algum terá recebido no Porto ovacões tão retumbantes.

Após abundante correspondencia trocada entre D. Maria II e Saldanha e tendo a primeira aceitado as condições impostas pelo vencedor, embarcou este no «Infante D. Luiz» com destino a Lisboa, entrando no Tejo em 15 de Maio dia soberbo.

Mas antes de retirar do Porto assistiu a um espectáculo de gala no S. João, sendo recitados e distribuidos e depois impressos os sonetos que vão ler-se e que, embora não sejam uma maravilha, dão bem a nota do delirante entusiasmo que se havia apoderado dos espiritos, ainda dos mais serenos:

Ao Nobre Duque de Saldanha.

Em despedida final da sua partida para Lisboa. Na elevada Regeneração de 1851. (No Teatro de S. João na noite de 12 de Maio).

Das armas no seu braço resplandece O que em nossos passados se parece.

Camões — Lusitadas.

Não posso, ó general, calar não posso, Ao ver-te em face a face, a debil fala!

—Se o simples nome teu a tudo abala, Que muito a mim arrôbe o aspecto vosso!

E's tu que tornas livre o solo nosso, Do monstro corruptor que aos livres cala!

—Ao ver-te, em face a face, a debil fala Não posso, ó general, calar não posso!

Heroi libertador — um grito alcaste, Que o teu nome fará nunca esquecido, Com gloria que immortal no Porto achaste!

Tu vais á capital, Saldanha querido: — Vais teu grito manter, mas cá deixaste Nos nossos corações um tronco erguido!

Ao Nobre Duque de Saldanha. Proximo ao seu embarque para Lisboa, (Em 14 de Maio) Na grandiosa Regeneração de 1851.

Que estranhezas, que grandes qualidades! É tudo sem mentir, puras verdades!

Camões — Lusitadas

Prestes ao embarcar-te, adita ainda Extremo despedir dum povo inteiro!

—E deixa, ó Duque, se seja o derradeiro Que a voz desate, alfim, de merra final!

Tu nome o Porto acorde aos astros guinda Entre prantos d'amor o mais fagueiro!

—Extremo despedir dum povo inteiro, Prestes ao embarcar-te, aceita ainda.

O Porto — a solução — si forma um coro, Que o teu partir carpindo o teu pranto inspira A quem de te gozar já tinha um fóro!

Minh'alma — ao despedir-me — assaz delirar Mal te vou a fitar, deslisa o choro; Mal vou a dar-te o adeus — a voz expira!

J. J. DA S. PEREIRA

NA SOCIEDADE «A VOZ DO OPERÁRIO»

Iniciaram-se ontem as festas comemorativas do 50.º aniversário da sua fundação

A prestigiosa sociedade «A Voz do Operário» que conta já cinquenta anos de existência, iniciou ontem brilhantemente as suas festas comemorativas, — que levaram ao seu salão milhares de associados e dezenas de representantes de algumas colectividades, que quiseram homenageá-la pela grandiosa obra de assistência e instrução que ela tem vindo há meio século desenvolvendo.

Além da elegante fachada da sede, que estava vistosamente engalanada, os salões, salas e corredores de igual modo se encontravam ornamentados. Do programa constou:

Inauguração de uma aula infantil

A's 13 horas foi inaugurada uma aula de ensino infantil gratuito para crianças de 4 a 7 anos, destinada aos filhos dos empregados desta colectividade.

Falaram os srs. Raul Esteves dos Santos, Luiz Rozendo, Julio de Matos e Pedro Duarte, tendo todos os oradores posto em foco a grande obra de instrução que a sociedade «A Voz do

Meio século é passado. Cinquenta anos de vida, lutando afincadamente, cantinhando a passos firmes na senda do Progresso, fizeram esta obra colossal, e demonstraram aos descrentes, da forma mais cabal e clara, de que é capaz a gente humilde e sofrida da nossa Terra, quando nortea-da por um alto ideal.

Cinco decénios foram o suficiente para que «A Voz do Operário» conquistasse, por direito próprio, o lugar de destaque que hoje ocupa; para que tivesse, como tem, sem sombra de dúvida, uma interessante função de equilíbrio na sociedade portuguesa — equilíbrio que não é difícil de constatar, se verificarmos a forma como esta, a tantos títulos benemérita instituição, tem singrado através dos vendavais que têm sacudido a nossa Terra; e não esqueçamos que, para que qualquer coisa possa resistir ás tormentas que agitam os homens, é necessário colocá-la muito alto, tão alto que o torvelinho negro dessas paixões a não atinjam. E foi isso que Custódio Braz Pacheco e os seus companheiros fizeram, quando a fundaram.

E assim, o seu pensamento inicial, na velha casa do Beco do Fros, ao lançarem um jornal para defenderam



WAGNER

Estreara-se o Parsifal, a obra do grande maestro.

Wagner recolhera-se á linda Veneza, a cidade que amava como nenhuma outra.

Era o dia 13 de Fevereiro de 1883, dia de sol glorioso.

No relógio da saleta onde Wagner se aquecia junto dum fogão, mal haviam soado as 2 horas da tarde.

O grande compositor sentiu-se mal. Com voz angustiada, dolorida, só pôde bradar:

—Minha mulher!... O medico!... Pronto se lhe acudiu.

Quando o medico chegou Wagner deixara de pertencer ao numero dos vivos. Da terra partira um dos genios que mais gloriosamente souberam esmaltar a historia da humanidade.

Alma de poeta, verdadeiro mestre, como lhe chamou Alberto Kein, Wagner não foi só um compositor porque toda a letra das suas operas é tambem da sua autoria.

Por isso Veneza, a cidade do silencio em cujo ar vagueia, como em nenhuma outra, um grande sentido de musicalidade e de poesia, atraiu-o.

Quis-lhe na vida mal sabendo que o teria na morte.

Passados cinquenta anos sobre o seu desaparecimento começa agora a fazer-se justiça ao seu imenso talento.

Tida como revolucionario o que foi apenas inovação na musica, toda a sua acção se aprestou no sentido de dar á divina arte novos horizontes, novas grandezas e glórias.

E o mais triste é que o triunfo completo do wagnerismo não pôde o seu autor gozár-lo.

O Parsifal, a ultima composição de Wagner, havia tido um triunfo absoluto no meio restrito de Bayreuth. No ano seguinte o grande musico morria e no seu testamento determinava-se que o grande poema só voltasse a ser cantado, completo, no teatro que Luiz II da Baviera fizera construir consagrado á musa wagneriana.

zaram, foi um dos maiores amigos que, nos tempos da primeira Regie, os fundadores de «A Voz do Operário» encontraram.

Augusto Fuschini, um socialista do Estado, que numa hora difficil resolveu a complicada questão da conversão da divida externa, para logo ser alliado pelos corrilhos politicos, a quem fazia sombra.

Em Augusto Fuschini encontraram os tabaqueiros um defensor acérrimo, quer nas cadeiras do poder, quer na tribuna parlamentar que tanto honrou.

Dantas Baracho, um liberal illustre, apertado numa farda de general, que foi na Camara dos Pares um paladino da nossa Instituição, e que na hora em que a morte lhe roçou com a sua aza negra, declarou que dispensava as honras militares, mas que desejava ser conduzido na pobre carreta de «A Voz do Operário».

João Franco, o ditador de 1907, politico violento, mas honrado, conhecendo a necessidade que esta Instituição tinha de possuir uma sede propria, concedeu o terreno onde foi construída esta casa.

Antonio Granjo, o desventurado ministro da Republica, que na encruzilhada do Arsenal perdeu a vida, concedeu-nos a Cerca onde os nossos alunos se recreiam.

E ainda entre outros, para só falar nos mortos, esse pobre Augusto Dias de Silva que para o tumulto levou tantos sonhos e illusões!

Inumeros foram os Mestres, officiaes e artifices que irmanadas na mesma aspiração construíram esta Catedral. Mas há um que nós temos que lembrar: — é o nosso cego, esse extranho mago que se chamou Miguel José Mendes — o cego da grande Catedral do Bem.

Como Afonso Domingues, o arquitecto sublime dessa maravilha de renda que se chama a Batalha, este cego delineou a traça desta formosa

Wagner

Passa hoje o 50.º aniversario da sua morte

Depois, porque na Alemanha a propriedade intelectual só prescreve trinta anos depois da morte dos autores, o Parsifal só pôde começar a ser escutado e apreciado, fora da Patria do Genio, em 1913.

Começa agora a fazer-se-lhe justiça. E é mais que tempo.

Porque na musica, nem antes nem depois de Wagner, nada se ha produzido nem como inspiração, nem como tecnica superior á obra do grande maestro.

Todavia, nem só como musico Wagner foi grande.

Poeta, lirico influenciado por Wieland, Goethe, Schiller, foi nos seus melhores dias de triunfo, na sua vida privada, no seu teatro, na sua mocidade, sempre poeta.

Poeta e dramaturgo.

Porque como afirmou M. A. Ernest, Wagner ha conseguido como ninguém a união do elemento poetico com o musical, essa união buscada por Beethoven no Fidelio, mas não achada.

Toda a sua obra se inspira nos velhos textos em que se empregam diversas formas metricas.

Busca nas lendas, nos misterios e na mitologia os temas das suas acções cenicas.

Seus personagens são todos herois, deuses ou simbolos, protagonistas de gestos heroicos, de aventuras estranhas, de milagres prodigiosos.

Sabe aliar com subtil habilidade o real com o fantastico, o humano com o divino, as paixões carnaes com os arroubamentos misticos.

«Em todas as suas obras, sobre estas caracteristicas fundamentais se encontram qualidades admiraveis como são a condição essencialmente espectacular dos seus dramas, a sua grande diversidade, o seu caracter eminentemente racico e a um tempo universalista, a sua grandiosidade, magnificencia teatral, poderosa habilidade no manejo das figuras e sobretudo uma funda religiosidade que era, no seu tempo, a antítese do materialismo imperante então, do positivismo que em todas os ideais dominava quer na vida real quer na visã da vida que respaldava em todos os cenarios.

«O seu misticismo, pode dizer sem hiperbola contribuiu em grande parte para uma corrente idealista que appareceu na Europa com grande impeto, oportuna e diffusão.

«A ideia cristã, de sacrificio e renuncia que se nota no Navio fantasma e no Lohengrin adquire uma maior expressão no Parsifal esse poema liri-

co magnifico que é um autentico misterio teatral dotado daquele espirito religioso que tinham os que celebravam na Idade Media,

«Mesmo que Ricardo Wagner não tivesse escrito uma partitura em toda a sua vida o seu nome teria passado á posteridade como poeta, como dramaturgo de profunda inspiração de exaltado nacionalismo, como por exemplo, o que resplandece no Tannhäuser esse poema que parece uma gloria da velha Alemanha, idealista, romantica e cavalheiresca.

Nos dramas wagnerianos admira-se, tambem, á parte o fino humorismo que resalta muito visivelmente em Os mestres cantores — satira magnifica contra a arte oficial, contra o espirito das Academias nacionais — em muitas passagens de obras suas, esse conceito tão classico da tragedia e do drama, conceito que manteve integro em toda a sua grande e engenhosa produção.

Nem, porém só como dramaturgo ha que olhar Ricardo Wagner. Como metteur-en-scene adquiriu, tambem um prestigio extraordinario e pode dizer-se que, com Henrique Laube e Dingelstedt renovou a arte cenica alemã.

Está pois certo que se admire o seu genio como compositor, o seu grande espirito superior que deu á musica uma estetica nova [que pode agradar mais ou menos, mas o que não deve esquecer-se, muito principalmente nestes tempos em que tanto se fala da necessidade da renovação da cena, são as suas teorias que estão plenas de actualidade, quer na sua obra de dramaturgo quer no seu trabalho de director de cena porque nos seus dramas e na sua composição cenica muito ha que aprender, que olhar e que admirar ainda hoje, apesar de terem decorrido cinquenta anos sobre a sua morte».

Assim fala do grande mestre o ensaista Estevez Ortega, cujas palavras para aqui quisemos trasladar, como justa e merecida consagração do genio que se chamou Wagner.

As comemorações em Leipzig

LEIPZIG, 12. — Foi hoje celebrado com toda a pompa o 50.º aniversario da morte de Ricardo Wagner. Foi tocado o Preludio do Parsifal que foi ouvido por Hitler, varios ministros, familia de Wagner e diversas individualidades.

O burgomestre de Leipzig e o prof. Von Schilling discursaram.

Hitler que viera de avião de Cassel, partiu depois para Erfurt e Weimar. —Havas.

lejadaz e honradas mãos desses humildes trabalhadores que dia a dia, hora a hora, têm vindo construindo esta «Grande Catedral do Bem», legitimo orgulho do operariado português, cartaz vibrante do valor colectivo.

Os poderes constituídos que não podem ser alheios ao que de grande haja na terra que governam, quiseram reconhecer esse esforço, e em 1925 sob proposta do então ministro da Instrução Publica, dr. João Camoesas, era conferido á Sociedade de Instrução e Beneficencia «A Voz do Operário» o officialato da Ordem de Cristo.

São as insignias desse ordem que hoje, irmanados na mesma ideia — enaltecer esta «Grande Epopeia dos Humildes» — corpos gerentes, comissões, ex-alunos e empregados lhe vêm entregar. E, sem menosprezo para ninguém porque a obra é igualmente filha do esforço de todos, nós permitimo-nos saudar os trabalhadores desta «Grande Colmeia» na pessoa do seu actual presidente da comissão administrativa, sr. Raul Esteves dos Santos, que mercê das suas raras qualidades de actividade e intelligencia tem nestes dois ultimos anos por ele feito passar uma verdadeira onda de renovação.

A todos, nós dizemos, parafraseando o poeta: «HONRAI «A VOZ DO OPERARIO» QUE ELA VOS COMTEMPLA».

Depois foram entregues ao presidente da mesa, as insignias da Ordem da Instrução, com que o Governo da Ditadura premiou os serviços de instrução daquela benemerita instituição.

Tanto ao sr. Raul Esteves dos Santos como ao sr. Luiz Rosendo foram entregues por meninas lindos ramos de camélias.

Usaram ainda da palavra os srs. Ju-

(Segue na 11.ª página)



O delegado da Casa da Imprensa, Salvador Saboia, discursando na sessão solene

Operário tem vindo desenvolvendo á 50 anos.

O descerramento de uma lapide

A's 14 horas com toda a solenidade foi inaugurada uma lapide na cabina do operario electricista Vitor Vasconcelos, pelos relevantes serviços que tem prestado á sociedade «A Voz do Operário», como por exemplo, a instalação electrica no edificio e outros serviços.

Na cerimonia falaram os srs. Raul Esteves dos Santos, Luiz Rozendo, Julio de Matos e Pedro Duarte, que enalteceram o esforço do operario Vitor de Vasconcelos.

Exposição de trabalhos escolares

A's 14,30 realizou-se a abertura da Exposição de trabalhos das escolas em numero de 29, que consta de labores, desenhos, trabalhos de cartonagem, etc.

O presidente da comissão administrativa sr. Raul Esteves dos Santos em breves palavras explicou os motivos da abertura da exposição, focando o trabalho que tem dispendido sobre instrução o chefe dos respectivos serviços sr. dr. Mariano Roque Laia, a quem foi feita uma calorosa manifestação.

Tambem falaram sobre o mesmo assunto os srs. Luiz Rosendo e Joaquim Ferreira Baptista, respectivamente presidente da assembleia geral e secretario dos serviços de instrução.

A Sessão solene

A's 15,30 finalmente no salão de festas, que se encontrava repleto de bandeiras e onde a assistencia era compacta realizou-se uma sessão solene a que presidiu o sr. Luiz Rosendo, presidente da comissão administrativa secretariado pelos fundadores srs. João Rodrigues Cação e José Maria Barbosa.

Aberta a sessão o sr. Luiz Rosendo historiou largamente a vida da Sociedade «A Voz do Operário», sendo no final muito aplaudido.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Raul Esteves dos Santos, que pronunciou e seguinte discurso

os interesses da sua desprotegida classe, teve que ser em seguida ampliado, num vôo que abraça o infinito, de maneira a que se tratassem assuntos respeitantes á instrução litteraria e profissional, á questão economica e ainda na conveniencia que haveria em se fundarem cooperativas nos bairros mais pobres da cidade.

Os que se lhes seguiram não esqueceram esse evangelho bendito. E quantas vezes, ao contemplarem o numero de colectividades que desapareciam — umas, devido a erros de visão, outras, a lamentáveis divisões, a que não eram indiferentes as classes privilegiadas, que tinham interesse no enfraquecimento das organizações operarias — mais acarinhavam, num círculo de dedicacões, «A Voz do Operário», para que o egoismo, a maldade, ou uma criminosa indiferença, não destruíssem.

Evocar esse passado, relembrar esses tempos idos, é fazer passar pelos nossos magoados olhos o nome desses apóstolos do Bem, desde Eusébio Luiz de Paula — o primeiro que partiu para a vasta necrópole do Alto de S. João, logo três anos depois do inicio da jornada — a Joaquim José da Rocha, o ultimo que nos deixou, há pouco mais de um ano.

O seu jornal, que numa hora de incertezas e de duvidas, os tabaqueiros fundaram, ha cinquenta e três anos, nunca foi uma bandeira de guerra.

Nas suas columnas brilharam espiritos luminosos, como o de Custodio Braz Pacheco — o seu primeiro redactor principal, falecido apenas volvidos quatro anos de lutas — a Fernandes Alves, batalhador incansavel, que, há precisamente dois anos, levámos a enterrar.

Nas suas paginas, onde colaboraram os mais talentosos jornalistas operarios, onde brilharam, como uma constelação de raro fulgor, os nomes aureolados de Angelina Vidal, Azedo Gneco e Manuel Luiz de Figueiredo, jamais se fez e campanha negra do ódio ou da difamação.

Horizontes tão largos motivaram curiosidade e alguns homens publicos olharam com atención para a obra realizada, acarinhando esses rudes trabalhadores e auxiliando-os nas dificuldades que surgiam. E, dentre eles, nesta hora festiva, recordaremos alguns que vivem na nossa saudade: Oliveira Martins, o historiador eminente, o politico de nobres intenções e que as tapeçarias do Paço impu-

ELEGANCIAS Secção Radio C I N E M A

RÉCITA DE HOMENAGEM

Como prometemos começamos hoje a publicação da nota das pessoas que têm bilhetes para a récita em que na noite de 20 do corrente se realiza no Teatro da Trindade, de homenagem aos cronistas mundanos e nossos colegas de redacção, srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques:

Marquês de Faria, Fausto de Brito e Abreu, D. Fanny Fonseca, D. Maria Leonor da Silveira e Lorena de Magalhães Correia, D. Isabel Ortigão Ramos Jorge, D. Lucinda Rosa, dr. Orlando Marçal, D. Emilia de Anclães Proença Pereira do Vale, D. Guilhermina Macielra da Fonseca, condessa de Arge, D. Jeanne von Gingelen, D. Flora Bastos do Amaral, condessa de Súcena, D. Elvira de Macedo Dias Egas Moniz, D. Sara Burnay Paiva de Andrade, D. Zina Pombo da Ponte e Sousa, marquesa de Fontes Pereira de Melo, D. Ermie Polnay de Castelo Lopes, D. Ana Deniz de Melo Régo, Guilherme Cardim, D. Palmira Lucas Torres, D. Maria da Natividade de Fontes Dourado Moreira da Cruz, D. Leonor Bensaude Lemoine Branco, D. Maria Teresa Nunes Correia Abrantes, viscondessa de Santa Margarida, D. Laura de Abreu Reis Ferreira, D. Maria del Consuelo Velasco y Mera Benito de Guebara, D. Elvira Jara de Albuquerque de Orey, D. Maria del Pilar de Velasco Oliveira, D. Maria Luiza de Vasconcelos Porto Teles, D. Margarida de Oliveira Aguiar, D. Mafalda Mayer da Camara Leme de Mesquita, baronesa de Santa Comba Dão, D. Amélia Pinto da Rocha, D. Lidia Leonor de Castro Carvalho de Castol-Branco, D. Luiza Patricio de Fratel, D. Maria Isabel de Ortigão Burnay de Almeida Belo, Vicente da Cunha Arelas, D. Joaquim Nunes de Carvalho, Carlos Eugénio Moutinho de Almeida, etc.

NASCIMENTOS
Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Sara da Costa Freire de Andrade de Salazar de Eça, esposa do sr. Luiz Freire de Andrade de Salazar de Eça. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

DE VIAGEM
Está no Porto a sr.ª D. Ana Forjaz de Serpa Pimentel.
— Vindo do Norte encontra-se em Lisboa o sr. Pedro Maria de Vasconcelos.

ANIVERSARIOS
Fazem amanhã anos as sr.ªs:
Marquesa de Gouveia, D. Constança Teles da Gama Correia de Sá, D. Guilhermina de Almeida Felix da Costa, D. Maria das Dóres de Meireles Teixeira Coelho, D. Guilhermina da Silveira, D. Tomazia Coutinho de Castro Monteiro, D. Berta da Fonseca Franco, D. Maria Isabel Gorjão Henriques, D. Maria Rafaela May Gorjão de Oliveira e D. Maria Teresa Manuel da Camara Berquó.

NOS ESPECTACULOS
NO CINE GINÁSIO
Assistencia elegante á segunda semana do lindo filme «A Cortezã», neste belo cinema:
Condessa do Carnide, condessa de Santar, viscondessa de Carnaxide, D. Branca de Atougua Pinto Basto, D. Amélia Pinto da Rocha, D. Maria do Carmo de Castro Pereira de Carvalho, D. Maria Heloisa de Araujo Duarte Silva, D. Maria Francisca da Camara Pinto Basto, D. Maria Candida Correia Pereira, D. Zina Pombo da Ponte e Sousa, D. Maria Luiza Freire de Andrade de Saldanha Bandeira, D. Laura Satorio Pires da Cunha, D. Maria Alice e D. Maria Isabel Ferreira

de Castro de Vilhena, D. Palmira Navarro Viana Bastos, D. Maria Amélia Satorio Pires, etc.

CASAMENTOS
Realizou-se na paróquia dos Anjos o casamento da sr.ª D. Alice Amado de Sousa Roxo, filha da sr.ª D. Leonisa Rosado de Sousa Roxo, já falecida, e do sr. coronel João Evangelista da Costa Roxo, com o sr. dr. Antonio Ramos Bandeira, filho da sr.ª D. Ana de Jesus Ramos Bandeira e do sr. José Gonçalves Bandeira.
Foram madrinhas a sr.ª D. Maria José da Costa Roxo e a mãe do noivo, e padrinho o sr. dr. Francisco de Sousa.

Celebrou o acto religioso mons. dr. Pereira dos Reis, que no fim da missa fez uma brilhante allocução.
Terminada a cerimonia religiosa foi servido na elegante residência do pai da noiva um finissimo lanche da pastelaria «A Garretta», seguindo os noivos, depois, para o Algarve, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande numero de valiosas prendas.

DE CASTRO DE VILHENA
LONDRES, ás 19,20 h., concerto pela banda de T. S. F. militar sob a regencia de B. Walton O'Donnell. Overture de «Lurline», de Wallace. «Rapsodia Hungara», de Liszt. Suite de «Arlesienne» de Bizet.
A's 22,5 h., recital de piano, por Elsa Karen.
A's 22,35 h., musica de baile.
BARI, ás 19,45 h., uma ópera retransmitida do Teatro Petruzzoli. No intervalo, notas de teatro.
TURIM — MILAO — TRIESTE, ás 16,30 h., concerto regido por Hugo Tausini. «Esquisses Flamandes», de Brusselmans. Seleção de «I Pagliacci», de Leoncavallo. «L'ora della preghiera», de Pesse. Overture de «Bruschino», de Rossini.
A's 19,30 h., retransmissão de uma ópera em três actos, anunciada pelo locutor. Notas de arte.
BORDEUS — LAFAYETTE, ás 20,30 h., retransmissão da Torre Eiffel.
BRESLAU, ás 19 h., «The Ciren», um arabesco de Mariann Brun.
A's 22,30 h., musica de baile.
PARIS, ás 21 h., concerto Jules Massenet, pela orquestra sinfónica. Overture de «Phedre». Meditação de «Thais». «Cenas Alsacianas». «Brumaire». «Werther».

ESTRASBURGO, ás 18,30 h., concerto de orquestra, regido por M. de Villers. «Marcha Russa», de Ganne. Overture de «Maritana», de Wallace. «Divertissement», de Roland. Seleção de «Tiefland», de d'Albert.
A's 20,30 h., programa de gala, retransmitido de Paris.
TOLOSA, ás 20,30 h., excertos de «Danção do Fausto», de Berlioz.
A's 21 h., Melodia, de Zeller. «Aux etolles», de Duparc. «Berenice», de Handel. Minuet, de Paderewsky.
A's 21,30 h., concerto. «Romance des Enfants», de Planquette. «Miss Decima», de Audran. Solos de accordion.
A's 23,30 h., concerto de musica francesa.
SOTTENS — SUIÇA ITALIANA, ás 19,15 h., «O sol da meia noite», cena radiofónica de Theo Fleischmann.
A's 20,15 h., programa variado — de Lausana.
ROMA, ás 19,45 h., «La Donna Perduta», opereta em três actos, de Pictet.
LISBOA, ás 12,30 h., C. T. 1 D. H.
A's 21,30 h., C. T. 1 G. L.

ESTACÕES DE EXTRA-CURTAS
* Império 31,50 m. — 49,60 m.
Rio de Janeiro, PREB 31,58 m.
Schenectady, W2XAD 19,56 m.
Schenectady, W2XAF 31,43 m.
* Zeceen, DJA 31,38 m.
* C. T. 1 A A 31,25 m.
Pontoise-Rádio Colonial, 25,80 m.
Pittsburg East, W9XAA 25,25 m.
* Roma, 2RO 25,4 m.

(O asterisco indica as que se ouvem melhor).

DIÁ 14 AUDIÇÕES EM DESTAQUE

LONDRES, ás 19,20 h., concerto pela banda de T. S. F. militar sob a regencia de B. Walton O'Donnell. Overture de «Lurline», de Wallace. «Rapsodia Hungara», de Liszt. Suite de «Arlesienne» de Bizet.
A's 22,5 h., recital de piano, por Elsa Karen.
A's 22,35 h., musica de baile.
BARI, ás 19,45 h., uma ópera retransmitida do Teatro Petruzzoli. No intervalo, notas de teatro.
TURIM — MILAO — TRIESTE, ás 16,30 h., concerto regido por Hugo Tausini. «Esquisses Flamandes», de Brusselmans. Seleção de «I Pagliacci», de Leoncavallo. «L'ora della preghiera», de Pesse. Overture de «Bruschino», de Rossini.
A's 19,30 h., retransmissão de uma ópera em três actos, anunciada pelo locutor. Notas de arte.
BORDEUS — LAFAYETTE, ás 20,30 h., retransmissão da Torre Eiffel.
BRESLAU, ás 19 h., «The Ciren», um arabesco de Mariann Brun.
A's 22,30 h., musica de baile.
PARIS, ás 21 h., concerto Jules Massenet, pela orquestra sinfónica. Overture de «Phedre». Meditação de «Thais». «Cenas Alsacianas». «Brumaire». «Werther».

ESTRASBURGO, ás 18,30 h., concerto de orquestra, regido por M. de Villers. «Marcha Russa», de Ganne. Overture de «Maritana», de Wallace. «Divertissement», de Roland. Seleção de «Tiefland», de d'Albert.
A's 20,30 h., programa de gala, retransmitido de Paris.
TOLOSA, ás 20,30 h., excertos de «Danção do Fausto», de Berlioz.
A's 21 h., Melodia, de Zeller. «Aux etolles», de Duparc. «Berenice», de Handel. Minuet, de Paderewsky.
A's 21,30 h., concerto. «Romance des Enfants», de Planquette. «Miss Decima», de Audran. Solos de accordion.
A's 23,30 h., concerto de musica francesa.
SOTTENS — SUIÇA ITALIANA, ás 19,15 h., «O sol da meia noite», cena radiofónica de Theo Fleischmann.
A's 20,15 h., programa variado — de Lausana.
ROMA, ás 19,45 h., «La Donna Perduta», opereta em três actos, de Pictet.
LISBOA, ás 12,30 h., C. T. 1 D. H.
A's 21,30 h., C. T. 1 G. L.

ESTACÕES DE EXTRA-CURTAS
* Império 31,50 m. — 49,60 m.
Rio de Janeiro, PREB 31,58 m.
Schenectady, W2XAD 19,56 m.
Schenectady, W2XAF 31,43 m.
* Zeceen, DJA 31,38 m.
* C. T. 1 A A 31,25 m.
Pontoise-Rádio Colonial, 25,80 m.
Pittsburg East, W9XAA 25,25 m.
* Roma, 2RO 25,4 m.

(O asterisco indica as que se ouvem melhor).

O novo programa da Agencia H. da Costa, no Central

«A Frente Invisível», que a Agencia Cinematografica H. da Costa hoje apresenta no Central é um grande filme de espionagem, baseado num episodio verídico, vivido pelo proprio autor durante a Grande Guerra.

«A Frente Invisível», que Richard Eichberg, o conhecido encenador, realizou com extraordinaria felicidade, consegue manter, da primeira á ultima imagem, o interesse do espectador pelas curiosissimas e emocionantes aventuras que servem de base ao argumento.

Interpretam admiravelmente «A Frente Invisível», um grupo de esplendidos artistas, do qual se destacam, pela sua magnifica interpretação, os nomes de Trude von Molo, Kari Ludwig Diehl, Alex Engstrom, Trude Berliner, Rosa Valetti, Theodor Loos e Paul Otto.

«A Frente Invisível», que é, sem duvida, um dos melhores filmes de espionagem que até hoje têm sido realizados, vai constituir mais um triunfo para o activo da Agencia Cinematografica H. da Costa, fazendo, na tela do Central, uma brilhante carreira.

Cine Ginásio

Despede-se na «matinée» de quinta-feira, no Cine Ginásio o famoso filme «Cortezã», com Greta Garbo e Clark Gable, estando já fixada para a noite desse dia a estreia do filme «Pamplinas, amante improvisado».

Deve, portanto, aproveitar a exhibição de hoje quem ainda não viu «Cortezã», marcando, na bilheteira, o lugar que pretende para os 4 espectáculos do carnaval, com filmes graciosissimos, a revista «Viya a folia», e nume-

ros de variedades, com a interpretação de Auzenda de Oliveira, Abilio Alves, Amelia Perry, Silva Sanches, Lubela Stuchini e o seu agrupamento de bailarinas e mais artistas.

CARTAZ

- S. LUIZ - A's 21 - «Minha mulher nao quer filhos».
- TIVOLI - A's 21 - Estreia do filme «Vingança de Aguias».
- GINÁSIO - A's 21,30 - «A Cortezã».
- CENTRAL - A's 21,30 - Estreia do filme «A Frente Invisível».
- CONDES - A's 21,15 - Estreia do filme «A mulher do meu noivo».
- OLÍMPIA - Das 24,30 ás 24 - «Oiro e Polvora».
- CHIADO TERRASSE - A's 21 - «O homem que eu matei».
- ROYAL - A's 21,30 - «A Cortezã».
- ODEON - A's 21 - «O Rei dos Policias».
- LYS - A's 21,30 - «Frankenstein».
- PALACIO - A's 21,30 - «O Rei dos Reporteres».
- JARDIM-CINEMA - A's 21,15 - «Lua Nova».
- CAPITOLIO - A's 21 - Teatro e Cinema.
- PARIS-CINEMA - A's 21,15 - «Delicias».
- EUROPA - A's 21 - «Espada errante» o «Mister Wu».
- PALATINO - A's 21,30 - «Delicias».
- VOZ DO OPERARIO - (cine) - Aos domingos «matinée» e «soirée» e ás quintas e sabados «soirée».
- PROMOTORA - A's 21,30 - «Embaixador sem cerimonia» e «Romance do Rio Grande».
- EDEN CINEMA - A's 20 e 22 - «Luzes da cidade». A's segundas, quintas, sabados e domingos ás 21,30.
- CAMPOLIDE-CINEMA - A's 20,30 e 22,30 - «Pat e Patarchon inventores» - A's segundas, quintas, sabados e domingos.
- SALÃO IDEAL - Rua do Loretto.
- TRINDEADE - A's 21,30 - A peça «A lingua das mulheres».
- AVENIDA - A's 21,30 - A comédia «O noivo das Caldas».
- POLITEAMA - A's 20,45 e 22,45 - A revista «O Dia das Romarias».
- APOLLO - ás 20,45 e 22,45 - A revista «Pé Descalço».
- VARIÉDADES - A farra musicada «A mefina Amélia».
- COLISEU - A's 21 - Grande Companhia de Circo.
- JARDIM ZOOLOGICO - Exposição de animais.

OS FILMES DE ESPIONAGEM INTERESSAM SEMPRE A FRENTE INVISIVEL

(DIE UNSICHTBARE FRONT)

INTERESSA MAIS QUE QUALQUER OUTRO FILME DE ESPIONAGEM

A FRENTE INVISIVEL - É o outro Front, onde combatem os soldados que envergam falsos uniformes e empregam armas astuciosas e ocultas - Os espiões.
A FRENTE INVISIVEL - É o titulo do extraordinario fonofilme que hoje se estreia no

Central
apresentado por
AGENCIA CINEMATOGRAFICA H. DA COSTA, LDA
Se o quizer ver durante a primeira semana, marque os seus bilhetes com antecedencia

SOLO TULIZ
TELEFONE DA ALHAMBRA 2172
apresenta a comedia alegre de costumes modernos

Minha mulher não quer filhos
com MARIE GLORY
Um problema bem dos nossos tempos!
O celebre romance de Voutel, transformado num filme admiravel

Tivoli
apresenta a admiravel odisseia de quatro aviadores
VINGANÇA DE AGUIAS
um filme romanesco repleto de clous sensacionais com ERIC VON STROHEIM numa figura brutal e impiedosa

O SUISSO ATLANTIC HOTEL
Roga que experimentem o seu tratamento e preços sem confronto. Muito especial para familia. Condição unica pelo socego - Rua da Gloria 3. Telef. 21025.

TEATRO DE S. CARLOS
TELEFONE 28245
QUINTA-FEIRA, 16 A's 21 e 15
1.ª representação da linda comedia em 4 actos
A MADRUGADA
Desempenhada pelo mais completo conjunto de declamação
PREÇOS - Frisas e camarotes de 1.ª ordem, 45\$00. - Camarotes de 2.ª ordem, 30\$00. - Camarotes de 3.ª ordem, 20\$00. - TORRINHAS (5 entradas) 12\$50. - PLATEIA: Cadeiras de orquestra, 12\$00. - Cadeiras centrais, 10\$00. - Cadeiras simples, 8\$00. - Geral, 1.ª fila, 4\$00; outras filas, 2\$50.
A marcação de lugares pode continuar a ser feita na bilheteira ou pelo respectivo telefone

Sejamos patriotas...
Natal - Ano Novo - Reis
BEBER
ESPUMANTE ALEMTEJANO
Exija do seu fornecedor
Representante: Gilberto Sequeira
Rua dos Mourões, 150, 1.ª - Telef. 2.6719

De Aveiro ou Espinho a Vizeu pelo Vale do Vouga
é «uma viagem que nunca mais se esquece». Preços de 1.ª classe inferiores aos da antiga II classe

CONDES
Inauguração da epoca alegre
ARNAUD BERNARD o Rei dos Comicos Franceses em
A MULHER DO MEU NOIVO

Alhambra
CABARET-DANCING-RESTAURANT
CINE E VARIEDADES
O salão mais divertido do Parque Mayer
Aberto toda a noite

Cine Ginásio
HOJE, ás 21,30
Grande éxito da produção Ano Metro fado em francês
Cortezã
com a genial artista GRETA GARBO na mais completa das suas creações, que fará esquecer todas as anteriores ao lado do galã ideal, o masculino e viril CLARK GABLE - Realização de ROBERT L. LEONARD

Religião DESPORTO

ALISTAMENTOS NA P. S. P.

CRONICA DO DIA — Reza-se da solenidade das Cinco Chagas de Jesus Cristo. Missa própria, com «Glórias», «Credo» e Prefácio da Cruz, Rito duplax maior, paramentos encarnados.

LAUSPERENNE — Passa da igreja paroquial de Santa Isabel para a capela do Coração de Jesus (Rua Renato Baptista).

ACTOS DE CULTO — Sé, ás 12, missa.

Coração de Jesus (Rua Renato Baptista), ás 11, recepção do Lausperenne, a harmonio e vozes; ás 20, «Vinte e Quatro Adorações».

S. Francisco de Paula, ás 9, missa e devoção a Santo Antonio, com distribuição do pão aos pobres.

S. Francisco (a Jesus), ás 9, oração mental e bênção.

SENHORA DE FATIMA — Festas em seu louvor, com bênção Eucarística, nos seguintes tempos:

Socorro, ás 9, missa, comunhão geral, e ás 19,30, terço, ladainha e reposição.

Santa Isabel, ás 11, a orgão e vozes, com «Préces», pela reposição do Santissimo, por Lausperenne, procissão e bênção.

Gracia, ás 9, missa e comunhão pelo desacato cometido há anos na capela do Santissimo; ás 16, terço, ladainha e reposição.

Mercês, ás 9,30, missa, acompanhada a orgão e canticos; ás 21, terço, sermão pelo prior Marques Soares e bênção.

S. Paulo, ás 9, missa, acompanhada a orgão e vozes, com comunhão aos respectivos devotos; ás 19,30, sermão pelo dr. Antonio Maria de Figueiredo, com terço e bênção.

S. Mamede, ás 9, missa e comunhão geral; ás 18, terço, sermão pelo prior Freitas Barros e bênção.

S. Francisco de Paula, ás 18, terço, ladainha, sermão pelo rev. Cruz, Curado e bênção.

Sacramento, ás 9, missa e comunhão geral; ás 19, devoção, com sermão pelo prof. Gonçalves de Carvalho e bênção.

Conceição (Nova), ás 10, missa e comunhão geral; ás 18, terço, ladainha e bênção.

Vitória, ás 9, missa, comunhão e canticos; ás 19, terço, ladainha e reposição.

Conceição (Velha), ás 12, missa cantada, terço, ladainha e bênção.

S. Domingos, ás 10, missa solene, por instrumental; ás 17,30, terço, ladainha e bênção.

S. Jorge (Arrolos), ás 9, missa e comunhão geral; ás 19, terço, ladainha e reposição.

Saude, ás 10, missa, comunhão, terço, ladainha e bênção.

Chagas, ás 9, missa e comunhão ás servitas; ás 20, terço, ladainha e bênção.

Madalena, ás 9, missa, acompanhada a orgão e canticos, e comunhão geral das servitas, ás 19, terço, ladainha e reposição.

S. Nicolau, ás 9,30, missa e comunhão; ás 17,30, terço, ladainha e encerramento.

Corpo Santo, ás 9, missa e comunhão geral; ás 19, terço, ladainha e reposição.

S. Sebastião, ás 9,30, missa e comunhão geral; ás 18, terço, ladainha e reposição.

Encarnação, ás 9, missa, comunhão e canticos; ás 18,30, terço, ladainha e encerramento.

Coração de Jesus (freguesia), ás 9, missa e comunhão geral; ás 18, terço, ladainha e reposição.

S. Vicente, ás 9, missa e comunhão geral; ás 20, terço, ladainha e encerramento.

Anjos, ás 9,30, missa, comunhão geral, terço, ladainha e bênção.

Estrela, ás 9, missa, comunhão, terço, ladainha e bênção.

Santos-o-Velho, ás 9, missa e comunhão geral, terminando com a bênção.

SANTISSIMO EXPOSTO — Durante o dia, pela mesma solenidade, no Socorro, Madalena, Corpo Santo, S. Nicolau, Gracia (até ás 16 horas), S. Vicente, Coração de Jesus (freguesia), S. Jorge (Arrolos), S. Sebastião, S. Paulo, S. Francisco de Paula, S. Mamede, Encarnação, Vitória, etc.

PROCISSAO DAS VELAS — S. Francisco de Paula, ás 19; S. Paulo, ás 20; Mercês, ás 21,45.

INFORMAÇÕES

Tendo em atenção a segurança das pessoas que diariamente se transportam nas camionetas de serviço publico, o sr. ministro das Obras Publicas e Comunicações, concordando com o parecer do Conselho Superior de Viação, resolveu que não fossem alteradas as determinações actualmente em vigor sobre tolerancia aos veiculos pesados para passageiros.

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses nomeou para colaborar com a Direcção Geral dos Edificios e Monumentos Nacionais nos trabalhos de construção de habitações do pessoal dos caminhos de ferro do Estado, o sr. engenheiro Constantino de Carvalho.

FOOT-BALL

A primeira volta do Campeonato de Lisboa

Terminou ontem a primeira volta do campeonato regional de «foot-ball» e a classificação obtida pelos varios clubes que a disputaram, se não traduz exactamente o valor de alguns deles, aproxima-se muito da verdade: 1.º Sporting, 23 pontos; 2.º Benfica, 22; 3.º Belenenses, 21; 4.º Casa Pia, 19; 5.º Barreirense, 18; 6.º Luzo, 18; 7.º Carcavelinhos, 17; 8.º União, 17; 9.º Chelas, 13; 10.º Sacavenense, 12.

Os dois ultimos clubes são, pela organização do campeonato, excluidos da competição.

NAS AMOREIRAS

Benfica-Sacavenense, 6-1

Jogo cujo resultado não admitia duvidas; dois clubes cuja diferença de classe dava de antemão como vencedor o Benfica.

Partida disputada com vivacidade e energia da parte do Sacavenense que se limitou quasi constantemente a evitar o mal maior.

Vinte e três minutos em que os «vermelhos» atacaram sem lograr abrir o «score». Quebrado o encanto por um «goal» imparavel de Rogerio a um passe de cabeça de Vitor, volta logo a seguir o Benfica a marcar o seu 2.º ponto. Foi Vitor Silva o seu autor, aproveitando um centro da esquerda.

Ainda na primeira parte os «vermelhos» fazem 3-0 por intermedio de Rogerio. Estes três pontos resultaram de optimos centros feitos por Pinho, que cumpriu bem.

O segundo tempo deu aos dez minutos mais um «goal» do Benfica, feito por Xavier.

O Sacavenense consegue da marcação de um canto fazer pelos pés de Rato o seu unico ponto faltava um quarto de hora para terminar. Aos 35 minutos uma situação identica contra o Sacavenense dá aos «vermelhos» 5-1. Foi autor deste ponto o avançado Pinho que rematou bem, de cabeça.

João Correia, quasi no fim, faz o 6.º «goal» do Benfica, terminando o encontro com 6-1 a favor do grupo das Amoreiras.

Deste salientaram-se Vitor, Xavier, Germano e J. Oliveira.

Do Sacavenense a defesa extrema, o «keeper» e Rato.

A arbitragem regular.

NA TAPADINHA

Belenenses-Carcavelinhos 5-1

O Carcavelinhos, depois da sua serie de jogos para as eliminatorias do Campeonato de Portugal, em que venceu com relativa facilidade grupos de valor como são o Paço de Arcos Portugal e Marvise, deixou-se ontem bater por um resultado bastante pesado.

Embora o Belenenses jogasse para ganhar, o certo é que o Carcavelinhos foi sempre um adversario de respeito.

Como por vezes sucede, ontem o Belenenses marcou 5 «goals», assim como podia ter marcado mais pelas occasões que teve.

Mas o Carcavelinhos com pouco de sorte tambem podia ter metido um susto ao Belenenses.

Alvaro de Sousa teve essa oportunidade e desperdiçou-a por mais de uma vez e se essas occasões tivessem sido convertidas teriam dado alento ao Carcavelinhos para se aguentar melhor durante toda a partida.

Não queremos dizer que foi Alvaro de Sousa que deu a derrota ao seu clube, pelo contrario foi um dos melhores do Cercavelinhos.

Assim o Belenenses foi acumulando pontos uns após outros sem que o Carcavelinhos os pudesse evitar.

O Belenenses está adquirindo a sua antiga forma, principalmente a linha avançada que atira com facilidade ás redes contrarias.

O Carcavelinhos tambem está fazendo progressos, pois todas as suas linhas estão muito certas e jogam umas com as outras.

No começo do jogo o Carcavelinhos ataca com decisão mas é o Belenenses o primeiro a marcar aos 6 minutos por intermedio de Ramos.

Este ponto foi um tanto duvidoso pois José Ramos estava deslocado.

Os jogadores do Carcavelinhos ainda protestaram mas o arbitro não apitou e o goal foi mantido.

O Carcavelinhos só conseguiu igualar aos 39 minutos depois de uma boa passagem de Alvaro de Sousa para Oliveira e Silva.

Até ao fim do primeiro tempo o

Carcavelinhos comandou a partida não parecendo o Belenenses o mesmo grupo da primeira meia hora de jogo.

O segundo tempo principia ainda com ligeiro dominio do Carcavelinhos, mas José Luiz completamente deslocado desfaz o empate aos 6 minutos marcando o 2.º «goal» de Belem.

O Carcavelinhos nesta altura começa a desorientar-se e todo o jogo que faz é individual.

O Belenenses aproveita esta desorientação para marcar ainda aos 11, 24 e 42 minutos por intermedio de Rodolfo e Ramos.

O ultimo ponto do Belenenses foi uma precipitação do arbitro pois a bola já tinha passado a linha de limitação do campo quando José Ramos a marcou.

Como nota a salientar devemos dizer que a direcção do Carcavelinhos evitou que alguns exaltados agredissem Travassos, arbitro do encontro acompanhando-o até fóra do campo.

A arbitragem de José Travassos afóra do que acima apontamos foi correcta e sobretudo evitando o jogo duro, sabendo manter as suas decisões.

Os grupos alinharam:—Belenenses:—Morais; Simões e Almeida; Rodrigues Alves, Augusto Silva e Cesar de Matos; José Ramos, Heitor, Rodolfo, Bernardo e José Luiz.

Carcavelinhos:—Francisco Lopes; Justo e Alexandre de Almeida; João Pedro, Floriano e Gaspar Pinto; Americo Valente, Quirino, Alvaro de Sousa, Oliveira e Silva e Manuel Rita.

Categorias inferiores:—Reserva—Belenenses-Carcavelinhos, 1-2. 2.ª categoria, 7-0; 3.ª categoria, 0-1.

EM SANTO AMARO

Sporting-União, 3-0

Com regular concorrência, realizou-se ontem no campo de jogos do União terminando a primeira volta do Campeonato de Lisboa, o encontro entre o aguerrido grupo de Santo Amaro e o Clube do Campo Grande que continua a ocupar a frente da competição lisboeta.

O jogo foi, no seu aspecto geral, movimentado e energico, tendo os vencidos oposto uma notavel resistencia, aptos sempre a reagir e a atacar com denodo.

Não nos parece exagerado escrever isto: mereciam o ponto de honra—embora o seu dominio apenas se tivesse afirmado no primeiro quarto de hora da segunda parte.

De facto, a «equipe» unionista, vivendo mais do esforço individual de alguns dos seus elementos do que do seu valor como conjunto, que escassamente se afirmou, só por «azar» não marcou um ponto durante aquele, aliás, pequeno periodo do dominio que assinalamos. E' certo ainda que jogou a primeira parte, empregando-se a fundo, e que um certo desmantelamento das suas linhas só se tornou notavel na ultima meia hora de jogo.

O Sporting, ao contrario, mostrou-se muito igual durante todo o desafio com excepção daquele quarto de hora inicial da segunda parte em que se apresentou bastante desunido, desnotado mesmo. Nesse espaço de tempo, por duas vezes a sua ultima linha se deixou bater irremediavelmente e de uma delas foi a «sorte», personificada em Serrano, que salvou uma situação extremamente perigosa.

Em todo o caso e sempre o Sporting mereceu a victoria, sendo de registar um melhor entendimento da sua linha de avançados.

O União alinhou os seguintes homens: Carlos Silva; Joaquim de Almeida e Viriato; Manuel da Silva, I; Jaime Rodrigues e Manuel da Silva, II; Gerardo Maia, Benjamim, Armando Silva, Valentim e Mourão.

A linha do Sporting—a que faltaram, Dyson, que jogou nas reservas, Faustino e Mourão—foi a seguinte: José Luiz; Jurado e Serrano; Varela, Rui Araujo e Rosado; dr. Mendes, Luiz Gomes, Gralho, Fonseca e Valadas.

O Sporting saiu do primeiro tempo com um ponto, marcado a dois minutos do fim, por Gralho, num valioso pontapé, aproveitando um centro de Mendes; o guarda-redes foi batido sem remissão e sem culpa.

Durante este primeiro tempo as «equipes» equivaleram-se em dominio territorial.

Se, de espaço em espaço, nos parece melhor a tecnica dos de Santo Ama-

ro, que durante dois terços da primeira parte se revelam habéis em construir jogo, o certo é que a defesa do Sporting corta todas as iniciativas e não deixa inferiorizar as suas côres.

Já dissemos como o União começou a segunda parte e como se manteve durante quinze minutos. Já afirmámos mesmo que, durante este quarto de hora, ele «podia» ter marcado.

Mas, subitamente, os «leões» reencontram-se, retomam a consciencia da sua posição, e a face do jogo mudou por completo. E o União mudou-se em desunião, apesar de andar a favor do vento.

Mostra-se, no entanto, no Sporting, aquela dificuldade em marcar que temos assinalado em desafios anteriores.

Só aos trinta minutos a bola descobre o caminho da baliza, num remate do interior esquerdo, Fonseca, de cabeça, a um novo centro de Mendes.

Agora, o dominio do Sporting, tecnico e territorial, é absoluto. Algumas oportunidades, claras, de marcar, são, contudo, desperdadas. Passaram cinco minutos com a bola quasi sempre no meio-campo dos de Santo Amaro. E o terceiro e ultimo «goal» é feito por Gralho, num pontapé longo e firmissimo.

Regista-se ainda um «penalty», a que Manuel da Silva deu lugar com uma rasteira a Valadas. Rui «shootou» forte, mas directo a Carlos Silva.

Em conjunto, pode dizer-se que o Sporting jogou com acerto. Os defesas foram os maiores factores da victoria. José Luiz esteve bem; teve lances felizes, saidas oportunas; na segunda parte teve duas falhas que podiam ter sido fatais. Os medios foram uteis, embora Rosado esteja longe de poder substituir Faustino. Dos avançados a asa esquerda foi a melhor; Gralho, muito bem; e Mendes foi util.

Do União, que só na primeira parte conseguiu impôr uma certa tecnica, devemos mencionar como melhor a linha media. A defesa deixou-se bater frequentemente pondo Carlos Silva a descoberto. Entre os avançados impôs-se mais a asa esquerda e, em especial, Valentim.

A arbitragem do sr. Antonio de Carvalho foi solícita e imparcial.

O publico incorrecto e provocador. Mais uma vez assistimos a um espectáculo, a que já temos assistido noutros campos, e que sempre tem merecido a nossa reprovação: o publico que está por detrás da baliza insultar e procurar pôr fora de si o guarda-redes. Chamamos para este facto a atenção das autoridades. E' indispensavel que a Policia intervenha e prenda sumariamente quem assim procede. Registamos com prazer que José Luiz um rapaz modesto, não deu ouvidos aos insultos e não perdeu a «linha». No final, houve pancadaria. Um adepto do clube visitante foi agredido com uma navalhada numa perna. No interesse de todos é indispensavel sanear o meio desportivo e afastar as feras do campos de jogos...

Os resultados em categorias inferiores foram os seguintes:

Reserva—Sporting-União 2-1
2.ª categoria—Sporting-União 2-0,
3.ª categoria — — — — — 0-1.

NO ESTADIO

Barreirense-Chelas, 3-2

Vitoria justa do Barreirense que teve em todo o encontro superioridade sobre o seu adversario. O Chelas que se defendeu sempre muito bem e que atacou por vezes em condições de perigo para as hostes inimigas fez um resultado que o honra.

O «score» traduz fielmente a forma como decorreu a partida: dominio mais accentuado do Barreirense na primeira parte traduzido por dois «goals» contra um do Chelas; maior equilibrio no segundo tempo, um ponto de cada grupo.

Os marcadores do Barreiro foram os irmãos Pirezás e do Chelas foi Carlos Anjos.

Optima arbitragem do sr. Neves de Carvalho.

NO RESTELO

Luso-Casa Pia, 1-0

Em virtude da grande falta de espaço com que lutamos só amanhã poderemos dar o relato deste encontro em que o Casa Pia foi vencido pelo Luso por uma bola, resultado que não corresponde de forma alguma ao jogo desenvolvido por ambos os grupos; o Casa Pia que dominou em quasi todo o encontro e que assediou quasi inintermittentemente as redes adversarias esbarrou com os defesas do Luzo que

Foi aberto um concurso para o preenchimento de vagas

Pelo Comando da P. S. P. foi aberto um concurso para o preenchimento das vagas de guardas de 2.ª classe que se dêem até Dezembro do corrente ano.

Para concorrer é necessário apresentar os seguintes documentos:

- 1.º Terem idade não inferior a 21 anos nem superior a 30, em relação ao ultimo dia do concurso.
- 2.º Mostrar que satisfizeram o serviço a que são obrigados nas fileiras do Exército ou na Armada.
- 3.º Boa apparencia e robustez, comprovada pela Junta Médica a que deverão ser submetidos.
- 4.º Altura minima, 1.65 m.
- 5.º Saberem ler, escrever e contar correctamente.
- 6.º Mostrar que se acham isentos de culpa por meio de certificados dos registos policial e criminal.
- 7.º Apresentar atestado passado pela Junta de Freguesia da sua residencia, em que prove o seu bom comportamento civil e boa conduta como cidadão e como chefe de familia se a tiver constituída.
- 8.º Mostrar que se acham na primeira ou segunda classes de comportamento militar.
- 9.º Atestado passado pela autoridade administrativa em como é affecto ás instituições republicanas e em como não tem ligações com elementos desordeiros e nocivos á ordem social.

Os concorrentes em igualdade de circunstancias, terão a preferéncia pela ordem seguinte:

- A) As praças da Guarda Nacional Republicana, que assim o requeram, depois de cumprido o tempo de serviço a que são obrigadas no seu alistamento ou readmissão.
- B) As praças da Guarda Fiscal que o requeram depois de terminado o seu tempo de serviço.
- C) As praças do Exército, que o requeram, na situação de licenciadas.

São motivos de preferéncia:

- 1.º Maior altura, maior robustez e melhor apparencia.
- 2.º Melhores referéncias acérca do seu procedimento anterior.
- 3.º Maior numero de habilitações literárias e científicas.

A classificação será feita por um jurí para isso nomeado, que dará o seu parecer sobre cada um dos concorrentes.

A este concurso poderão ser admitidos os individuos que já tenham entregue os seus documentos no Ministério da Guerra, desde que o requeram ao Comando da P. S. P. dentro do prazo estipulado neste aviso, incluindo ainda os que já foram inspecionados.

Os individuos aprovados e alistados na P. S. P. são considerados provisórios por dois anos, findos os quaes serão alistados definitivamente, se satisfizerem as condições exigidas pelos regulamentos.

Arsenal do Alfeite

O sr. Antonio Mendes David foi nomeado vogal contabilista da comissão administrativa das obras do novo arsenal do Alfeite.

Mercês honorificas

Foi agraciado com o grau de Grande Oficial da Ordem da Coroa de Italia e com a de Oficial da Ordem da Estrela de Anjou, o contra-almirante sr. Luiz Constantino Lima.

numa tarde de inspiração valeram por um grupo completo. O «goal» do Luzo foi obtido por «penalty», uma mão do defeza casapiano Heitor.

BASKET-BALL

Resultados dos jogos de ontem

Carnide venceu Benfica em Honra, Reservas e segundas, por 13-7, 30-7 e 10-6, e foi vencido em terceiras por 9-2.

Ateneu venceu Campolide em todas as categorias, respectivamente por 16-6 em Honra; 16-5 em Reservas; 20-10 em segundas; e 12-6 em terceiras.

Barreirense venceu Carcavelinhos por 34-9 em Honra; 45-1 em segundas e falta de comparencia do adversario em terceiras.

Sporting venceu Belenenses em Honra e Reservas por 9-7 e 14-8; e foi vencido em segundas e terceiras por 14-9 e 21-3.

Probidade venceu União em Honra e Reservas por 13-7 e falta de comparencia do adversario.

Internacional venceu Rio Seco em Honra por 9-7 e perdeu em Reservas. Campo de Ourique em jogo de repetição venceu Nacional em Honra por 16-8.

Em segundas Nacional marcou pontos por falta de comparencia do Luzo que

«Grupo Tauromaquico do Sector 1»

A conferencia do distinto critico sr. D. Bernardo da Costa (Mesquitela)

Realizou-se, ontem a noite, a inauguração da sede provisoria do «Grupo Tauromaquico do Sector 1».

O referido grupo ficou instalado na sede do Gremio dos Artistas Teatraes, rua da Madalena, 171.

Antes da conferencia que ali realizou o sr. D. Bernardo da Costa (Mesquitela), distintissimo critico tauromaquico o presidente do grupo, sr. dr. Bossa da Veiga, disse algumas palavras explicativas da forma como surgiu a nova agremiação.

Em seguida o sr. D. Bernardo da Costa (Mesquitela) perante criticos e toureiros que enchem toda a sala e os corretores da sede, começou a sua palestra que teve por titulo «Historia e evoluçao do toureio em Espanha e Portugal».

Damos em síntese algumas passagens do interessante trabalho.

Assim, continuando o nosso espectáculo de touros, disse D. Bernardo Mesquitela que em Portugal são os touros que toureiam os artistas, que da sua arte nada sabem, geralmente. O orador descreveu, em detalhe, alguns erros de tecnica vulgares no toureio português actual, que tornam as nossas touradas um espectáculo domingueiro onde ha sol e moscas.

Fazendo depois a historia da arte tauromaquica, nomeou as figuras illustres do toureio, desde a epoca dos Caballeros Maestranes de Ronda, até hoje, tais como: Francisco Romero, Jeronimo Romero, fundador da primeira escola de tourear, onde se iniciou a sorte a pé parado, «recibiendo Castellares», inventor do «volapié», Francisco Monte, o maior toureiro antigo, D. Rafael Perez de Gusman, Frey Pablo Negron, Cuchars, Lagartijo, Frascuelo, Guerrita, Reverte, Bombita e Machaquito.

Com o grande Belmonte entra-se na idade de ouro da tauromaquia, onde onde pontificam ases como El Fenomeno e Joselito (Gallito), Granero, morto prematuramente, Cañero, Lalande, Ortega, La Serna e tantos outros.

Entrando na historia da tauromaquia em Portugal, o orador afirmou que não tinha ido ali para conquistar aplausos facéis tinha que ser sincero dizendo verdades acerca dos nossos toureiros, a quem falta o brio profissional, por instinto dos mesmos toureiros.

Devem tourear-se touros puros, como fez Vitorino Frois e como faz ainda João Nuñco, devem tourear-se touros de morte. Para isso o Sector 1, que deseja ver em Portugal as touradas de verdade conta com o auxilio do sr. major Oscar de Freitas, Inspector Geral dos Espectaculos, que estava presente, e a quem o conferencista rendeu mercedos elogios, pela sua acção em prol da situação dos artistas teatraes e dos toureiros.

Terminou apelando para os toureiros portugueses, para que se unam numa escola decente de tauromaquia, dirigida por um artista espanhol competente, e dizendo que dentro do sector 1 não ha ideias politicas, mas apenas ideais de tauromaquia, de festa brava.

O sr. D. Bernardo Mesquitela foi muito aplaudido e cumprimentado.

Fechou a sessão o presidente, sr. dr. Bessa da Veiga, que annunciou para o proximo mês a segunda conferencia da serie ontem iniciada e a qual ficou a cargo do critico Fernando Baptista.

No final foi oferecido um «Porto de Honra» aos convidados, tendo-se trocado brindes entusiasticos.

Almoço de confraternização dos oficiais do Exercito e Marinha

Na proxima quarta-feira realiza-se este almoço de confraternização entre o Exército e Armada para comemorar a heroica revolução de 7 de Fevereiro.

Tomam parte neste almoço todos os combatentes das unidades e muitos officiais de terra e mar constando que tomam a presidencia do almoço os srs. ministros da Guerra e da Marinha. A inscrição está aberta no Restaurante Arcadia.

O «Diário da Manhã» vende-se na Guarda, não estabelecimento do sr. Manuel Vinhas

O problema dos vinhos do Porto

(Continuação da página central)

Que propaganda se faz lá fora? Um ou outro exportador, mas sem qualquer apoio do Estado. E refere-se á attitude patriótica da Camara de Comercio Portuguesa de Paris, para quem vão as suas saudações, e que tão desajudada tem sido por todos nós.

Faz largas considerações sobre a propaganda, refere-se ás grandes marcas de aperitivos, como o Pernolt e S. Rafael, cuja venda é superior ao vinho do Porto, mas para a propaganda dos quais, se gastam milhões. Pois essa propaganda, é que é necessario fazer-se, e quando se faça, e a perseguição seja um facto então sim, o vinho do Porto terá para sempre garantido o seu futuro.

E terminando, faz um apelo a todos, para que todos, em volta do vinho do Porto se unam, que é a maior riqueza nacional.

EMIGRANTES

Vindos do Brasil chegaram, ontem, a bordo do «Cap. Arcoana», 135 emigrantes portugueses.

Dr. Custodio Cabeça

Em missão oficial partiu, ontem, a bordo do «Cap. Arcoana», para a Alemanha, o illustre médico sr. dr. Custodio Cabeça.

BEBENDO SALUS (VIDAGO) Obtem-se uma boa digestão

Na Sociedade «A Voz do Operario»

(Continuação da 3.ª página)

lio Matos, do conselho fiscal, que leu uma extensa carta de Julio Luiz, que se encontra hospitalizado e lembra os nomes de Rodrigues Francisco Sales, Francisco José Ferreira, Raul Lourenço e Vitor Vasconcelos pelo carinho e amor que têm manifestado em prol da «Catedral do Bem»; Alfredo Saboia, em nome da Casa da Imprensa, apresenta, áquella instituição de beneficencia—pelas suas bodas de ouro e como representando a mais formidável obra sobre mutualismo—as suas homenagens.

«Em nome de todos os profissionais da Imprensa, dirige sentidas e entusiasticas saudações á Sociedade Voz do Operario, não só por se tornar para Portugal um motivo de honra; mas para que daqui a cem anos, a Sociedade Voz do Operario seja um motivo de honra na Europa.»

Cruz Felipe, em nome dos Rotarios de Lisboa, associa-se á festa espraíando-se nos utilissimos serviços de instrução que a Sociedade Voz do Operario tem vindo a fazer; Antonio José Luiz Soares, em nome do Sindicato do Pessoal do Estado, sauda e elogia os trabalhos da direcção; usam ainda da palavra os srs. dr. Luiz Dias Amado, que representa a Universidade Livre e Popular, e Julio Silva, em nome das Sociedades de Recreio.

Antes de ser encerrada a sessão o sr. Luiz Rosendo, agradece comovidamente a comparsencia de todos os representantes das agremiações de Lisboa, tocando então o sexteto o Hino da Voz do Operario.

Todos os oradores foram muito aplaudidos.

Depois de um pequeno intervalo realizou-se uma interessante «matinée» na qual tomaram parte a actriz Auzenda de Oliveira, e os actores Antonio Pinheiro, Pinto Grijó, etc., a quem foram entregues lindos ramos de flores.

Nos intervalos as alunas vendiam um pequeno opusculo intitulado «A Grande Epopeia dos Humildes», de Raul Esteves dos Santos, e uns versos «Jornada Luminosa», da autoria de João Black.

GARAGE TAVIRENSE, Lda—Tavira

Carreiras regulares e permanentes entre Casilhas, Vila Real de Santo Antonio, Beja e Mertola. Saída de Casilhas ás 9 horas. Para informações e venda de bilhetes, Centro de Comandita—Rua Augusta, 276-277 Lisboa. Telefone—23776.

CARTA DE PARIS

UM ACORDO SECRETO ENTRE A ITALIA E A ALEMANHA, AUSTRIA E HUNGRIA — O SR. CHÉRON TINHA RAZAO :: :: :: ::

PARIS, 10.—Quasi toda a Imprensa francesa se faz neste momento eco do boato posto a correr, segundo o qual existe um accordo secreto entre a Italia e os países centrais.

Este instrumento diplomatico teria sido assinado por Hitler e Mussolini.

O boato, a confirmar-se, vem certamente agravar as relações franco-alemaes, ainda que ele não constitua nada de estranhavel visto estar de accordo com toda a politica internacional seguida pelo regime fascista em relação aos antigos imperios centrais.

O Fascismo tem sido desde sempre partidario da revisão do Tratado de Versalhes e mais ainda da politica do desarmamento, no que tem estado de accordo com a Alemanha e a propria Russia sovietica.

Esta attitude é de certo modo comprehensiva.

Quando ao desarmamento a Italia não é um país suficientemente rico para poder competir com a França ou com a Inglaterra que mantem ainda a hegemonia do Mediterraneo.

Ora Mussolini pensa que só quando o desarmamento for um facto, o seu país pode ter algum peso na politica mediterranea.

Na parte que diz respeito á necessidade sempre clamada pelo Fascismo de se rever o Tratado de Versalhes, tambem ha logica e coerencia.

E a unica forma de agradar á Alemanha, cuja colaboração a Italia precisa por mais de uma razão.

Primeiro interessa-lhe fazer politica contra a França de cuja soberania na Tunisia ela persiste em desbanca-la.

Segundo porque tem de defender-se. «Vis-a-vis» da Pequena Entente e particularmente da Jugo-Eslavia a Italia sente-se se não ameaçada, pelo menos sem os movimentos livres, tanto a Este como a Oeste.

Convem-lhe pois estar de bem com a Alemanha para, como consequencia e com o apoio desta, poder servir os interesses de todas as reivindicações

hungaras, ao mesmo tempo que; nos Balcanes, procura na Albania—cujo rei é uma pura invenção do Fascismo—e na Bulgaria—onde esta rainha uma filha de Vitor Manuel III—os pontos de apoio necessarios para se defender.

Quasi chega a compreender-se a naturalidade dum accordo secreto entre a Italia e a Alemanha.

O Fascismo ajudaria o Hitlerismo a conseguir a revisão do Tratado de Versalhes e quanto antes a resolver a questão do «corredor» de Dantzig.

Por sua vez a Alemanha, como paga, auxiliaria a Italia a conseguir uma posição de superioridade sobre a Jugo-Eslavia e, ao mesmo tempo a lograr a anexação da Dalmacia.

Ambas as reivindicações serão conseguidas a bem ou... a mal...

Pelo menos parece querer significar esta segunda posição, o fornecimento de armas que a Italia está fazendo á Hungria e á Austria.

O Echo de Paris publica a este proposito a seguinte noticia:

«Trinta e dois aeroplanos de quatrocentos cavalos e vinte de reconhecimento, de seiscentos e cinquenta cavalos, com seis lugares, acabam de ser entregues á Hungria pelo governo de Italia.

Os aparelhos saíram do país da origem dum campo de socorro a fim de não chamar as atenções. Passaram sobre a Austria e aterraram, tambem, num campo de socorro da Hungria. Os aviões foram imediatamente desmontados e os pilotos regressaram á Italia pelo comboio.»

Este facto levou um deputado, membro da Comissão dos Negocios Estrangeiros da Camara francesa a perguntar numa reunião da sua comissão o que havia com respeito a tratados entre a Italia, a Hungria e a Alemanha.

O sr. Herriot presidente daquele organismo declarou que não tinha nenhum conhecimento de tal tratado mas sim de accordos independentes en-

tre a Italia e a Hungria e a Hungria e a Alemanha.

A confirmar-se, porém, o ponto do pacto secreto tudo indica que as relações entre a França e a Italia esmorecerão grandemente atingindo como é de ver certa tensão.

E provar-se á que as esperanças que os franceses punham de que a nomeação do sr. Henri Jouvenal para ministro do seu país junto do Quirinal eram infundadas. Mussolini, se nunca pensou em dominar o Mundo, não desiste de vencer a França.

O sr. Chéron tinha toda a razão para afirmar que ha muito por onde fazer economias em França.

Pelo menos, o Municipio de Paris encarregou-se agora de o provar.

Numa altura em que se clama que ha um «deficit» de 10 milhões de francos no orçamento, em que se pretende devassar as escritas bancarias para que os impostos incidam mais pesadamente sobre os contribuintes, os edis parisienses resolveram votar nem mais nem menos que 36.000 francos para comprar as condecorações que vão ser oferecidas a dois membros da vereação que vão comemorar as suas bodas de prata de administradores do municipio parisiense.

Hemos de convir que 36.000 francos para comprar condecorações numa altura em que a França está a braços com uma crise grave, e quasi ao mesmo tempo que o sr. Lebrun pede a todos os franceses que se sacrifiquem, é um bocadinho demais.

Se esse dinheiro fosse empregado em coisa mais util, os franceses vencer-se-iam de que têm os seus dinheiros melhor administrados. Assim...

E a condecoração das bodas de prata pode bem fazer-se com qualquer sessão solene que sempre é coisa mais barata...

E mais de acordo com a hora de dificuldades que a França atravessa.

PIERRE BRISSOT

FINALMENTE... SALUS (VIDAGO) E' a melhor agua mineral

Vila Nova de Gaia Camara Municipal

GAIA, 10.—Reuniu a Comissão Administrativa da Camara Municipal de Gaia sob a presidencia do engenheiro sr. dr. Jorge Faria, estando presentes diversos vereadores, sendo apresentadas e aprovadas as seguintes propostas:

—Da Junta de Avintes, pedindo para a Camara mandar fazer a deslocação duns postes no lugar da Portela, para assim melhorar a luz electrica naquelle local.

—Da Junta de Valadares, informando que tendo nomeado uma comissão para angariar donativos para a ampliação da escola do sexo masculino, em virtude da existente ser insufficiente para comportar as crianças que desejam frequentar conseguiu com bastante esforço a importancia de 7000 a 8000\$ que está á disposição do Municipio para dar inicio aquelas obras.

—Do sr. governador civil do Porto, remetendo o processo respeitante ao abastecimento de aguas na vila.

Trata-se dum concurso para a adjudicação duma obra de exploração, segundo informa a Direcção Geral de Saude—quanto ao volume e quantidade de aguas, dum manancial que deverá existir no sub-solo do Monte da Virgem, em Oliveira do Douro.

—Da Junta de Canelas, fazendo sentir o grande descontentamento pelo corte da energia electrica antes da meia noite.

Em face de tão justa reclamação o sr. engenheiro Vilar Saraiva vai tomar as necessarias providencias.

Foram ainda aprovadas verbas para construcções, modificações, reparações, etc., em varias freguesias do concelho. Foi por ultimo lido o balancete accusando em cofre 57.776\$26 e na Caixa Geral de Depositos, 347.558\$23. Não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão.

CARTA DE BRAGA

VARIAS NOTICIAS

BRAGA, 7.—A comissão administrativa da Junta Geral, na sua sessão de ontem, apreciou devidamente o caso da construção dos pavilhões destinados á instalação na beira-mar, das colonias balnearias, problema resolvido na reunião das Camaras e outras entidades há dias realizada, conforme dissemos, no Governo Civil.

Ficou resolvido nomear uma comissão composta pelo sr. dr. Adelio Marinho, vogal da Junta, e pelos dois médicos municipais de Espinho, a fim de ainda esta semana escolher onde devem ser construidos os citados pavilhões.

A mesma comissão resolveu pedir ao chefe do distrito que para melhor apuramento de responsabilidades seja transformado em sindicancia o inquérito feito aos actos da anterior comissão administrativa da Junta Geral.

—Hoje, ao romper do dia, o chefe Pinho Beato, da P. I. C. de Braga, e o agente Armelin, da P. I. C. de Lisboa, cercaram e assaltaram a residência de um serrajheiro de apelido Penão, morador na rua dos Marchantes, onde constava existir uma fábrica de moedas de prata.

Surpreendido pelo assalto a essa hora executado pelo chefe Pinho e pelo agente Armelin, o Penão não teve tempo de inutilizar ou esconder as provas do crime, e tanto assim que numa busca rápida os agentes da autoridade foram encontrar, arruados num mirante do prédio, um cadinho, um cunho, certa quantidade de prata, um formulário que habilita a fazer ligas de vários metais e outros apetrechos indispensaveis para a falsificação.

O Penão, habilmente interrogado, confessou logo que á «empresa» estavam associados um tal Abilio Conde, cadastrado há pouco tempo vindo de Africa e actualmente a residir na rua de Santo Antonio das Travessas, a mulher do Conde, uma galinha de apelido «Queca», e um individuo de nome Rau, que há tempos esteve estabelecido com taberna na rua do Carvalhal, tendo sido este e a «Queca» os que financiaram a «empresa» para a compra de prata, adquirida numa relojoaria da rua de D. Frei Caetano.

ainda não havia iniciado os seus trabalhos. Fizeram, é certo, algumas experiências, mas as moedas cunhadas ficaram tão imperfeitas que as consideraram «falsas demais»...

Continuaram, por isso, a proceder a estudos de aperfeiçoamento, e só depois de conseguirem fazer coisa de jeito pensavam lançar a «mercadoria» na praça.

Será verdade o que disse o preso? A Policia capturou todos os implicados na falsificação, á excepção do Rau, que se pôs em fuga.

Os presos encontram-se submetidos ao regime de incomunicabilidade e se bem que todos eles tenham confirmado o que disse o Penão, esclarecendo a «Queca» que apenas entrou na «sociedade» com uma quota de 50800, vão ser apertados com perguntas que possivelmente levarão a novas diligencias.

—Durante o mês de Janeiro verificou-se no dispensário anti-sifilítico, instalado pela Junta Geral do Distrito no Hospital de S. Marcos, o seguinte movimento:

Consultas, 47; tratamentos iniciados, 47; injeções de neosalvarsan applicadas, 40; idem mercuriais e outras, 680.

—A fim de receber vários documentos que lhe foram enviados pelo Comando Geral da Armada deve comparecer na secção administrativa do Comando da Policia o sr. José Marques Peixoto, residente nesta cidade.

—O policia municipal Leopoldo da Silva Vieira entregou no Comando da Policia, sob prisão, a demente Rosa de Araujo, de 23 anos, residente em Figueiredo, concelho de Amareis, que andava a praticar disturbios na Praça Municipal.

A doida vai ser entregue á familia.

FIXE A MARCA... Não sendo SALUS (VIDAGO) Não é a melhor agua mineral

ULTIMA HORA

DO PORTO

Aniversário da eleição e coroação do Papa

PORTO, 12. — Realizou-se hoje, na Sé Catedral, a comemoração de mais um aniversário da eleição e coroação de Sua Santidade Pio XI.

A's 10.30 horas o Cabido rezou os officios, sob a presidência do rev. cônego chantre dr. Antonio Joaquim Pereira, vigário geral da diocese, que depois celebrou missa, perante numerosos fiéis.

A's 11.45 horas deu entrada na Sé o sr. D. Antonio Augusto de Castro Meireles, acompanhado pelo seu secretário particular, rev. Antonio Pereira Balona e Carmo e pelo famulo rev. Adriano Paeheco de Oliveira.

A porta da Catedral o ex.mo Bispo do Porto era aguardado pelo Cabido e pelos alunos do Seminário de Nossa Senhora de Conceição e muitos fiéis.

Depois de feita a oração junto do altar do Santissimo Sacramento, sua ex. revm. dirigiu-se para o trono, na capela-mór, onde se paramentou, dando inicio á cerimonia.

Expôs-se o Santissimo, a «Schola Cantorum» do Seminário, sob a regencia do rev. Vitorino Caetano Martins Pereira, executou o «Panis Angelicus», depois do qual foi levantado solenemente por sua ex. revm. o «Te Deum», que foi continuado, alternadamente, pelo côro e pela mencionada «Schola».

No fim cantou-se o «Tantum Ergo» e foi dada a benção do Santissimo.

Acolitaram os revs. cônegos João Francisco dos Santos, abade da Sé, e Manuel Joaquim de Sousa, vice-reitor do Seminário Episcopal, servindo de presbitero assistente o rev. cônego dr. Manuel Pereira Lopes.

A's 21.20 horas começou no salão nobre de Associação Católica do Porto uma sessão solene, de homenagem ao Papa, á qual presidiu o sr. Bispo do Porto, ali recebido, de pé, por toda a assistência.

Organização da industria de pesca

Na sede da Associação Comercial e Industrial de Matosinhos, reuniram-se hoje, pelas 15 horas, os representantes de pesca da Figueira da Foz, Espinho, Matosinhos, Afurada e Ouro.

Presidiu o sr. Antonio Domingos de Freitas, presidente do Centro Comercial do Porto, que expoz os fins desta reunião, preconizou a organização da industria de pesca, que se impunha depois da criação do Consórcio dos Industriais de Conservas.

O sr. Adão Pacheco Polonia apresentou um interessante estudo sobre a sindicalização da classe. Esse trabalho, bem como as bases elaboradas na reunião há tempos realizada na Associação Industrial Portuguesa, de Lisboa, e atinentes aos fins em vista, baixou, segundo a proposta do sr. Domingos de Freitas, a uma comissão de estudo. Esta, que foi a seguir nomeada pela assembleia, ficou assim constituída: Antonio Domingos de Freitas, Carlos Ferreira, Antonio Afonso Barbosa, Antonio Reguengo e Adão Polonia.

Foram ainda nomeados como representantes dos Armadores do Norte a Comissão Central de Estudos, que vem funcionar em Lisboa e que elaborará em definitivo o plano da organização da industria, e que são os srs. Antonio Domingos de Freitas, pelos armadores da Afurada e de Ouro; Tomaz Hardison, pelos de Figueira da Foz e Adão Polonia, pelos de Matosinhos.

Encerramento da exposição Roque Gameiro

No Salão Silva Porto foi hoje encerrada a exposição do grande mestre aquarelista Roque Gameiro e de suas filhas, as consagradas artistas D. Raquel e D. Helena.

Movimento marítimo

Na barra do Douro entraram o vapor português «Pêro de Alenquer», de Lisboa, com carga diversa; e o batelão português «Vegas», de Leixões, em lastro. Saíram os vapores alemão «Olbers»; italiano «Dorides»; portugueses «Gonçalo Velho», todos para Lisboa; «Santa Irene», para o Havre; noruegueses «Alas», para Bordeus, todos com carga diversa; e o «Bro», para Sevilha, com bacalhau.

No porto de Leixões entraram os vapores portugueses «Congo», de Lisboa; inglês «Hilary», de Liverpool; holandês «Orania», de Amsterdão, todo com carga diversa e os dois últimos também com passageiros. Saíram os vapores inglês «Hilary», para Pará e Manaus, e holandês «Orania», para Buenos Aires e escalas com carga diversa e passageiros.

CARTAZ DE ESPECTACULOS DIA 13

Teatro Sá da Bandeira — «Mexilhão».

ESPINHO

Dr. José de Azevedo

ESPINHO, 12.

Tivemos o prazer de cumprimentar hoje, o sr. José d'Azevedo, Delegado do Commissariado do Desemprego no Distrito, retirando ao fim da tarde.

Mario de Freitas Ribeiro

Vindo da Capital, esteve entre nós, retirando no «rápido» de hoje de novo para Lisboa, o nosso amigo sr. Mario de Freitas Ribeiro, administrador-delegado da Sociedade Espinho-Praia.

Vedação das linhas da C. P.

Iniciaram-se já os trabalhos para vedação das linhas da C. P. no centro da vila. Lamentamos que a C. P. não tenha mais atenção com uma terra que tão grande rendimento lhe dá, fazendo uma vedação mais condigna com uma zona de turismo de 1.ª classe como é Espinho. — C.

Interesses regionais

O sr. governador civil de Evora conferenciou ontem com os srs. ministros do Interior sobre assuntos de ordem politica e do aumento da G. N. R. e da Policia no distrito; e das Obras Publicas acerca das conclusões e construções de edificios destinados a escolas e cabinas telefonicas e montagem de rede telefonica em varias localidades; engenheiro Castro Rodrigues, com quem tratou da comparticipação do Estado para a realização de varios melhoramentos rurais; e director geral de Assistencia sobre a concessão de subsídios ás Misericordias do distrito.

Aquella autoridade, acompanhada do sr. dr. Nunes Mexia esteve ainda no Ministerio das Obras Publicas a solicitar a comparticipação do Estado para varias obras no concelho de Mora e reparação da estrada de Cabeção a Mora.

— O sr. governador civil de Aveiro que ontem seguiu para o Norte, tratou junto de varios ministros da realização de melhoramentos rurais, instalação de escolas primarias e cabinas telefonicas, construção de edificios para instalação de serviços de correios e concessão de emprestimos a algumas Camaras Municipais do seu distrito.

TRIBUNAL MILITAR TERRITORIAL

Julgamento da agressão junto do quartel de Artelharia 3

No Tribunal Militar Territorial realiza-se amanhã o julgamento daquele soldado que no dia 2 de Junho, do ano findo, como referimos, matou com um tiro de espingarda Francisco dos Santos Vicente, que ocasionalmente passava junto do quartel de Artelharia 3.

E' advogado de accusação o sr. dr. Campos Coelho.

Conselho Superior Técnico das Industrias

O Conselho Superior Técnico das Industrias reunem-se no próximo dia 16, pelas 15 horas, a fim de se occupar de varios pedidos de industriais.

Almoço de homenagem

Já se não realiza o almoço em homenagem ao sr. João Teixeira Jacinto, funcionário dos correios e telegrafos, em virtude deste mesmo sr. ter manifestado esse desejo, á respectiva comissão promotora.

Teatro Carlos Alberto — «Arelas de Portugal».

Teatro Rivoli — «O Filho da América».

S. João Cine — «Uma Canção, um Beijo, uma Mulher».

Salão Jardim da Trindade — «Onde está minha mulher?».

Salão Olimpia — «Mandrágora».

Salão da Batalha — «Pamplinas Milionário».

ALUGA-SE

Sála espaçosa, no melhor local do Porto, servindo muito especialmente para consultorio medico ou escriptorio de advogado.

Falar na Delegação deste jornal no Porto, Avenida dos Aliados, 43-1.º

MANIFESTAÇÕES ANTI-HITLERISTAS EM MADRID

A embaixada da Alemanha apedrejada entre «vivas» ao comunismo alemão

MADRID, 12. — Hoje, ao meio dia, numerosos elementos extremistas juntaram-se diante da Embaixada da Alemanha e fizeram uma demonstração de hostilidade ao Governo alemão, dando gritos de «Abaixo Hitler» e «Viva o Comunismo Alemão».

A patrulha da Guarda Civil que andava próxima pretendeu dissolver a manifestação e fazer debandar os manifestantes. Foi porém recebida á pedrada de que resultou ficar um agente ferido.

A referida patrulha, para atemorizar os discólos, fez fogo para o ar. Entretanto chegou um camião cheio de guardas de assalto que carregaram enérgicamente sobre os manifestantes, fazendo fogo para o ar e acabando por dispersá-los, prendendo dois e estabelecendo, a seguir, um apertado serviço de vigilância á Embaixada, que ficou com alguns vidros das janelas estilhaçados, atingidos pelas pedradas dos comunistas. — United Press.

A catastrophe de Neuenkirchen

Atribui-se o sinistro a uma fenda produzida pelo ultimo tremor de terra na região do Sarre

NEUENKIRCHEN, 12. — Mais de 100.000 pessoas se aglomeravam hoje junto do balroo sinistrado pela explosão do gazometro. A torre de distillação do amoniaco cessou de deitar as fumaradas verdes. Porem a bateria de oito torres do benzol continua ainda em actividade. Os bombeiros incessantemente despejam-lhes agua e gaz carbonico em cima. Uma delas, completamente em brasa, deve abater em breve, quando o fogo lhe tiver minado, por completo, a base. Não foram retirados mais mortos. Segundo parece — e é esta a versão que mais partidários tem — o fogo comunicou-se ao gazometro por uma fenda que o tremor de terra de 7 do corrente produziu. Como se sabe este tremor de terra foi sentido em todo o Sarre. Se assim foi os adversarios dos gazometros secos passam a ter mais um argumento contra estes. Por outro lado provar-se-lá que o transporte de gaz a grandes distancias tem serios inconvenientes. — Havas.

Até agora o numero de mortos é de 65

SARREBRUCK, 12. — Permanecem ainda desconhecidas as causas da catastrophe de Neuenkirchen. As duas explosões do gazometro deram-se a seguir com um intervalo de dois minutos.

As autoridades continuam a dizer que são 65 os cadáveres encontrados nos escombros, até agora, estando alguns deles irreconhecíveis em virtude da sua carbonização. — United Press.

Os funerais das victimas realizam-se amanhã

BERLIM, 12. — Mais de 60.000 berlinenses foram hoje a Neuenkirchen, ver os estragos causados pela explosão do gazometro. Os trabalhos de remoção dos escombros no local da explosão ainda não estão terminados. Os cadáveres serão enterrados na terça feira. Segundo o comunicado oficial o seu numero total é de 54 e o de desaparecidos de 2. O numero de feridos de certa gravidade, ainda hospitalizados, é de 160. — Havas.

O aspecto da cidade

NEUENKIRCHEN, 12. — O aspecto da cidade é estranho. Todas as montras e mais de metade das janelas estão cobertas com pranchas e papéis transparentes. Só uma empresa indus-

trial da cidade encomendou ontem 7.000 metros quadrados de vidro de janela e 120.000 telhas. Com excepção dos altos fornos, que continuarão acesos, as fabricas de aço cessarão o trabalho na proxima semana, durante a qual serão reparados os edificios danificados pela explosão. Foram abertas oito listas de subscrição a favor das victimas e suas familias. Essas listas circulam pela população de todo o Sarre e nelas figuram já quantias importantes. — Havas.

CARTA DE COIMBRA

A imposição das insignias da Ordem de Benemerencia ao sr. dr. Vicente Rocha

COIMBRA, 12. — Realizou-se esta tarde, na Associação dos Artistas, a homenagem ao distinto e venerando clinico sr. dr. Vicente Augusto Ferreira da Rocha, para imposição das insignias de comendador da Ordem de Benemerencia com que o Governo, a pedido do Grémio dos Empregados no Comércio e Industria de Coimbra, associação de socorros mutuos e com a interferencia do distinto chefe do Distrito, sr. dr. Moura Relvas, com a maior justiça agraciou tão distinto médico, decano da classe dos médicos de Coimbra e facultativo da mesma instituição há cinquenta anos, onde vem prestando os mais relevantes serviços.

A sessão solene

Presidiu o sr. dr. Moura Relvas, chefe do distrito, que foi secretariado pelos srs. drs. Lucio Martins da Rocha, director da Faculdade de Medicina; capitão Barros e Cunha, representante de s. ex.º o comandante da 2.ª Região Militar, general Gomes de Sousa; dr. Sanches de Moraes, presidente da Camara Municipal de Coimbra; Francisco Vilaça da Fonseca, presidente da Associação Commercial de Coimbra; dr. Angelo Fonseca, director dos Hospitais da Universidade; dr. Alberto Moreira da Rocha Brito, professor da Universidade; Antonio de Moraes, representante da Sociedade de Defesa e Propaganda, e Antonio de Oliveira, presidente da assembleia geral da Associação dos Artistas.

Os discursos

Abriu a sessão o distinto advogado sr. dr. Octaviano de Sá, presidente da mesa da assembleia geral do Grémio dos Empregados do Comércio e Industria, que em palavras de relevo e entusiasmo expoz os motivos que levaram a referida Associação a solicitar do Governo da Ditadura Nacional tão importante galardão para o homenageado, sr. dr. Vicente Rocha.

Depois usa da palavra o sr. Serafim Rodrigues de Jesus, secretário da Direcção daquele Grémio, que leu a mensagem de saudação ao homenageado, que foi assinada pelos componentes dos corpos gerentes cessantes bem como os dos actuaes.

O sr. dr. Vaz Serra, representante da Associação dos Médicos do Centro de Portugal; Armando da Costa Borges, representante do Montepio Combricense Martins de Carvalho, de que o homenageado também é clínico há mais de 40 anos; dr. Antonio da Costa Rodrigues, secretário geral do Governo Civil deste distrito,

Apareceu hoje de manhã em sessão o sr. José Domingos Baptista, com Arnado um pombo correio, tendo uma anilha com a seguinte inscrição B. Z. S. J. Madeira, e que será entregue a quem provar pertencer-lhe. — C.

Desastre no rio

Volto-se uma embarcação morrendo um marinheiro da Armada

Ontem, por volta das 19 horas, largou de bordo do torpedeiro Sado, ancorado em frente do cais das Colunas, uma lancha com três marinheiros, que veio trazer a terra um deles, que estava de licença.

Ao regressar a lancha a bordo, agora transportando o marinheiro 5.881 e o grumete 4.908, de nome Daniel Monteiro Sobreiro, a lancha voltou-se caindo á agua es tripulantes.

Para dar alarme, de bordo do torpedeiro Sado foram feitos três tiros de peça, acudindo varias embarcações que salvaram o marinheiro 5.881, não voltando, no entanto, a ser visto o Daniel Monteiro Sobreiro que foi arrastado pela corrente, considerando-se perdido após porfiados esforços.

Auto-chenilles para o Exercito

Com a assistencia do sr. ministro da Guerra realizou-se ante-ontem de manhã a entrega ao Exercito, pelos directores da Casa Citroen, de 9 auto-chenilles adquiridos para as baterias motorizadas de Sacavem e Cascais.

representante dos amigos do sr. dr. Vicente Rocha.

Fala o governador civil

Após um interessante e brilhante discurso usa da palavra o distinto chefe do distrito, sr. dr. Moura Relvas, que enalteceu as belas qualidades do homenageado em nome do Governo da Republica.

Diz o distinto chefe do distrito que é com a maior satisfação que tem a honra de presidir a tão brilhante sessão de homenagem, e que por uma curiosa e feliz coincidência foi também governador civil de Coimbra e seu distrito, e ainda professor da Escola Nacional de Agricultura, onde é também seu sucessor, dando-lhe assim occasião a que possa seguir o exemplo brilhante dos seus relevantes serviços prestados num e nouro campo.

Diz ainda o representante do Governo que é com a maior alegria que vai entregar as insignias da Ordem de Benemerencia ao ilustre, um dos mais ilustres filhos desta maravilhosa cidade de Coimbra, sentindo com magoa não ter também nascido nesta linda cidade onde tudo é nobre e onde desde os 12 anos se vem formando para a luta pela vida aurodo o exemplo de muitos dos bons filhos desta cidade, alguns dos quais têm os seus retratos no salão nobre da velha Associação de Socorros Mutuos da Classe operaria da velha cidade Universitaria.

Diz ainda o sr. dr. Moura Relvas que vai colocar ao peito do homenageado, sr. dr. Vicente Rocha, as insignias da Ordem da Benemerencia que tão bem ficam junto do coração nobilissimo do homenageado que passou uma vida inteira a fazer bem e socorrendo o seu semelhante — pobres e humildes.

A seguir o sr. dr. Moura Relvas coloca as insignias ao sr. dr. Vicente Rocha, de Comendador da Ordem de Benemerencia, que foram oferecidas pelos socios do Grémio dos Empregados do Comercio e Industria e que a pedido se agregaram alguns amigos do homenageado, tendo a assistencia irrompido numa estrondosa salva de palmas com «vivas» ao sr. dr. Vicente, dr. Moura Relvas, ao Governo, etc.

O homenageado agradece nos termos mais cativantes ao chefe do distrito, á mesa, a todos os presentes a manifestação que lhe foi prestada.

Conferencias

A nova direcção da Escola Livre de Artes e Desenhos vai promover para breve uma serie de conferencias sobre Arte, a primeira das quais será feita pelo distinto professor da Faculdade de Letras e Director do Museu Machado de Castro, sr. dr. Virgilio Correia, seguido-se-lhe outros nomes conhecidos nos meios artisticos não só de Coimbra como do País.

Vão tambem organizar-se excursões de estudo, sendo a primeira a Condeixa a Velha, num dos proximos domingos.

Pombo correio

Apareceu hoje de manhã em sessão o sr. José Domingos Baptista, com Arnado um pombo correio, tendo uma anilha com a seguinte inscrição B. Z. S. J. Madeira, e que será entregue a quem provar pertencer-lhe. — C.

FINALMENTE EM TODA A PARTE

OS VINHOS DA ADEGA REGIONAL DE COLARES